OROZIO BELEM
FON FON
ANNO XXIV — N.º 11
Rio, 15 de Março de 1930
PREÇO: 1$000

trabalhos domesticos causam, muitas vezes, dores de cabeça, das costas e abatimento geral.

Cafiaspirina

depressa annulla as consequencias do "surmenage", e restitue ao organismo o seu estado de saude normal.

Mesmo o organismo mais delicado pode tomar esse excellente preparado BAYER por ser elle absolutamente inoffensivo.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

O conto brasileiro

O primeiro Desastre

De ORIGENES LESSA

NOITE velha. Lua em cima da casa. Dois lampeões fóra. Luz electrica no interior. No bar, tres rapazes. A' porta um carro. Modelo novo. Carro elegante.

— Pois olhem. E' como eu dizia: Tenho automovel ha quasi dez annos. Guio desde garoto. Sabem quantas trombadas?

— Você naturalmente já perdeu a conta.

— Ainda não. Apenas uma. hontem...

— Você?

— Palavra! Pela primeira vez em dez annos! Nunca raspei uma guia, nunca esbarrei numa carroça, nunca atropelei uma sombra

— E hontem?

— Um simples raspão, que me levou a calota da roda... Luiz Silveira sorriu, emquanto levava aos labios a benção amiga do John Haig.

— Dez annos perdidos!

— Que?

— Dez annos! O desastre é a sensação mais linda desta vida. Foi preciso que viesse o automovel, para renovar as sensações, para trazer algo novo á existencia. O automovel é o romantismo de agora. Substituiu a bohemia vegetativa de outros tempos. Um bom desastre vale uma bella mulher! E quando vae nelle, de encambulhada, uma mulher tambem, com gritos, sustos e desmaios... Póde estar certo, Moreira, você perdeu dez annos de vida! Lembro-me ainda do meu primeiro desastre...

— Qual foi?

— Aquelle do Gonzaga, com a Julinha.

— A bailarina?

— Justo. Bonita, não?

— Fantastica!

— Pois foi a minha estréa!

— Você, com mulheres te'm tido sorte, rapaz!

— Pudera! Não é sem trabalho, tambem. Aquella me levou tempo. Fez-se conquistar á moda classica, lentamente, ponto por ponto. Exigiu rodeios infindaveis. E' uma mulher que devia ter nascido ha um seculo, em 1830, e morrido tuberculosa quinze annos depois, num leito coberto de flores com anjinhos em volta, sacudindo as azas...

— Oh! não exaggere!

— «Commigo foi assim. Póde ser que com os outros a coisa seja [illegible]cil, que ella seja, até, de 2030. Commigo fez questão de recuar um seculo...»

E, depois de uma pausa:

— Chegou a exigir versos!

— Que?

— Versos... nem mais nem menos. Exigir versos de um homem que tem automovel! Não é pasmoso? E não foi só. Fui obrigado a suspeitar. A ter ciumes. A me apresentar como um heroe de romance popular, de porta de engraxate...

— Ella judiou de você, hein?

— Mas compensou...

— E o desastre?

Ah! sim. Foi um desastre vulgar. Perdi apenas o carro. Eu e a Julinha passamos apenas pelos arranhões. Não houve morte. O sangue foi pouco. A unica consequencia séria foi ter perdido a Julinha.

— Como assim?

— Pegou um medo tremendo. Não quiz mais entrar no carro commigo. Esquivou-se. Perdi-a. Mas parece que ella adivinhou. Desde então tenho tido uma serie formidavel...

— De mulheres?

— De desastres. Já fiz capotar um carro. Já entrei por cima de uma carroça. Já um caminhão me atirou a vinte metros de distancia.

Houve a pausa indispensavel para um gole maior.

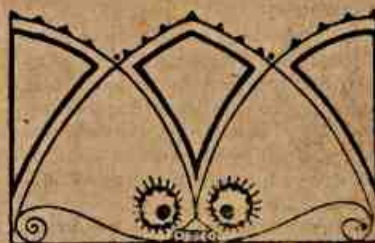
— Bom whisky, hein?

— Mas não vale uma bôa caninha...

Era a primeira vez que Silvio Mendes falava. Bebera, até então, em silencio. Como sempre. Emquanto os amigos falavam, Silvio Mendes sorria com indifferença ou scepticismo. Lá uma vez ou

(Continúa na pag. 70)

O COMMENTARIO

A passagem do Carnaval suggere ainda o commentario ao jornalista observador. Outrora, por esses tres dias de loucura, as cançonetas de rua visavam personalidades de factos politicos. Passou isso. A noite do sitio abafou a vóz ironica das estrophes gaiatas que ridiculizavam os poderosos. Perdeu-se o habito durante os annos de constrangimento. E hoje em dia as cantigas carnavalescas são isso mesmo que se vê — sem côr, sem viço, sem expressão, sem malicia — dá nella *ou* na Pavuna...

Sonho do Oriente

JOSEFINA DURBEC DE ROUTIN

No fundo da paizagem, só o cume nevado do Fusiyama... O caminho é longo, solitario. Estende-se como uma fita escura entre a dupla fila de pedras millenares que alternam com algumas estatuas de Budha, até chegar lá longe, ao logar do destino.

De quantas lagrimas, de quantas lamentações, de quantas supplicas foram testemunhas essas pedras! Ah, si soubessem falar! Que bella historia ouviriamos de seus labios! Que tragedias e que idyllios!

Desfolhando no silencio as petalas de uma flor, caminhava por essa estrada mysteriosa e sagrada a sonhadora Kazuka. Só uma cousa vae pedir deante daquelle templo da Natureza: um sonho! Um sonho bello, que talvez por um momento a faça esquecer sua dor...

O caminho é longo. Só o cume nevado do Fusiyama fecha a paizagem. Kazuka está cansada, e sobre uma das velhas pedras se senta por um momento.

Só ella sente o perfume da flor. Só ella ouve, no silencio do logar, o canto da ave divina. Só ella sente com intensa emoção a alma da raça, que paira no ambiente.

Seria, porventura, uma encarnação da immortal Amalteras? E, com a imaginação naquelle glorioso passado, adormeceu. Quanto tempo ficou dormindo? Não poderia dizel-o. Mas o grande chrysanthemo de ouro e fogo seguiu sua carreira e, lá longe, mergulhou em seu inalteravel beijo com ás aguas.

Cumpriu-se seu desejo... Sonhou! Mas esse sonho, que devia tiral-a da dolorosa realidade da vida, a atormenta ainda mais, porque agora ella quer viver desperta as horas sublimes que passou adormecida.

Viu, muito perto de si, uma nuvem vaporosa, que descia lentamente. Depois, envolta em véos, uma forma humana se desprendeu da nuvem e desceu até ella.

Não teve medo. A belleza era imponente, mas cheia de bondade no olhar. Sua voz era mais cadenciosa que o canto das aves do paraiso, mais suave que o murmurio da fonte, e quasi — si possivel — mais doce que o arrulho materno. E assim lhe falou:

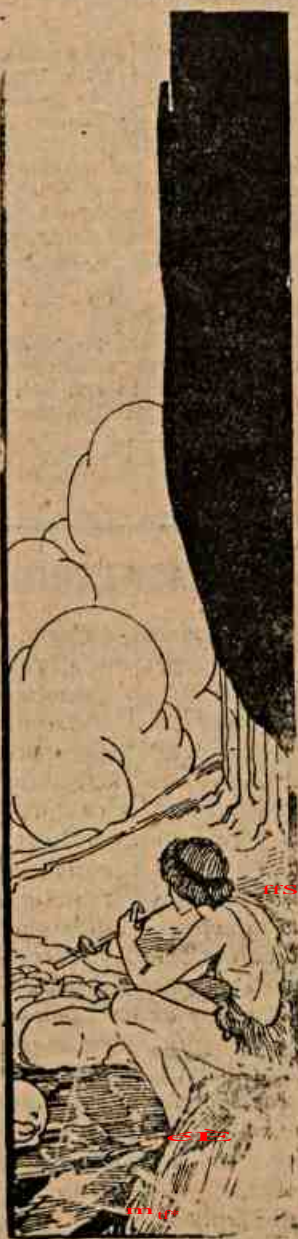
"Montado em um elephante branco, com traje vermelho matizado de ouro, mais bello que o sol da manhã, puro como o lothus dos lagos, virá buscar-te o principe de teus sonhos, e te levará, corôada de flores, até o alto da montanha, onde, em eterna primavera, tu e elle vivereis em um palacio de alabastro e jalde. As gheishas vos cantarão as mais doces canções e as fadas virão realizar para vós o cerimonial do chá. E cada noite de claridade lunar se derramará sobre vosso palacio, para acompanhar-vos em vossos passeios pelos estreitos caminhos floridos de crysanthemos e cerejas.

"Sobre uma minuscula barca ancorada em meio do prateado lago, farei vossa morada nocturna, e as arvores da ribeira se inclinarão reverentes para formar-vos, um docel. As flores desprenderão suas petalas, que aves mysteriosas levarão diariamente á barca para formar vosso tálamo... Uma noite quando a lua houver apagado sua luz, quando as aves não mais cantarem, e quando os crysanthemos não estiverem em flor, uma nuvem vos envolverá e vos levará aos céos para que vivaes eternamente unidos em um immortal amor."

Dito isso, um leve rumor de azas se ouviu, a visão se confundiu com as nuvens e desappareceu... Mas o rumor havia despertado Kazuka, que viveu gozando a ficção de seu sonho encantador.

Uma noite de luar, Kazuka quiz evocar as scenas tão magistralmente descriptas pela apparição, e se encaminhou para o jardim, onde os raios prateados cortados pelos ramos das arvores, formavam no lago uma sombra que semelhava a uma barca suavemente movida pela brisa.

Kazuka sentiu-se attrahida pela quietude do lago e quiz chegar á barca. Mas, ai!, a barca não era sinão uma sombra, e ella se afogou nas aguas, deixando, atraz de si, na tranquilla superficie, uma serie de circulos, symbolo do infinito...

Muito tempo depois, brotou nessa parte do lago um lothus vermelho, cujas raizes — diz a lenda — eram a cabelleira de Kazuka, a sonhadora Kazuka, morta de nipponismo e sepultada na suave linfa, em uma prateada noite de luar...

As auras marinhas e a Cutis

Terão se conjurado as aguas e o ar marinhos e os raios do sol para fazer a perdição de sua cutis, amargurando assim as suas ferias? Si tal confabulação houvesse, desbaratal-a-ia fazendo uso da "CERA PURA MERCOLIZED", com a qual lhe será possivel, passar todo o dia no banho ou estendida na areia, exposta aos raios do sol, sem que por isso venha a soffrer no minimo a sua cutis. A "CERA PURA MERCOLIZED" applicada todas as noites antes de deitar-se por meio de uma massagem suave, faz com que a cutis do rosto, do collo e dos braços se conserve tão clara e louçã como se nunca tivesse devido soffrer a energica acção dos raios solares e da agua salgada.

E o segredo desta immunidade está em que a "CERA PURA MERCOLIZED" ajuda a Natureza na funcção de renovação da cutis, pois, diaria e imperceptivelmente dissolve e elimina as particulas velhas e gastas da pelle que são o que impede a apparição de nova e perfeita cuticula que se acha encoberta, cuticula que mercê da acção da "CERA PURA MERCOLIZED" tem assim a opportunidade de vir a superficie para resplandecer na plenitude de sua sã formosura natural.

Obtenha "CERA PURA MERCOLIZED" em qualquer pharmacia, e desfructará as suas ferias conservando inalteravel a belleza de sua cutis.

CÊRA PURA MERCOLIZED

(em inglez "Pure mercolized wax")

A OBRA PRIMA

Um salão. O jazz inicia um shimmy estrepitoso. Elle trinta annos, rosto varonil e intelligente, mas algo timido de maneiras, se aproxima d'Ella (vinte annos, bella, desenvolta, alegre.)

ELLE. — Concede-me esta contradança, Laura?

ELLA. — Mas, você sabe dançar shimmy?

ELLE. — Não sei, e creio que nunca o saberei...

ELLA. — Então? ...

ELLE. — Conceda-me o não dançar com outro essa musica de negros e conversar commigo até que cesse a mesma... E' pedir muito?

ELLA (*sorrindo*). — Não. Não é pedir muito. Gosto immenso de conversar com você... Mas, por favor, não me critique o shimmy nem o jazz, porque os adoro.

ELLE. — E eu...

ELLA. — E você?...

ELLE. — Não me atrevo.

ELLA. — Pois eu me atrevo. Você ia dizer: eu adoro-a.

ELLE. — Effectivamente! Mas, como o adivinhou?

ELLA. — Não o adivinhei: deduzi-o.

ELLE. — Ah! Você havia comprehendido... Meus olhares...

ELLA. — Não. Perdão, mas nunca reparei em seus olhares. Não tinha tempo. Ha tanto que fazer! Deduzi-o de suas meias palavras, graças á minha experiencia. Sempre que um homem começa uma phrase e não se atreve a continual-a, é porque está apaixonado por mim, e é pessimista.

ELLE. — E é pessimista?

ELLA. — Sim. Os optimistas se atrevem sempre, certos de que tudo lhes irá bem.

ELLE. — E você encontrou algum optimista?

ELLA. — Muitos.

ELLE (*desalentado*). — Ah!...

ELLA. — Mas os tornei pessimistas immediatamente.

ELLE. — Eu devo ser optimista ou pessimista?

ELLA. — Optimista, sempre!

ELLE. — Então, você me corresponde?

ELLA (*com ironia*). — Eu não disse tal cousa. O que fiz foi lhe dar um conselho: seja optimista. Com o pessimismo não se chega a nada.

ELLE. (*sério*) — Obrigado pelo conselho. Já comprehendo que nada tenho a fazer.

ELLA. — Pelo contrario: tem que começar a fazer alguma cousa.

ELLE. — Alguma cousa? Para que?

ELLA. — Vamos por partes. Ha um momento dizia que me *adorava*. E porque eu não inclinei a cabeça romanticamente, em seu hombro, e não lhe offereci os labios, como no final das pelliculas cinematographicas, você abandona a partida. Você é engenheiro, não é?

ELLE. — Sim, sou engenheiro. Mas não sei que tem a ver minha profissão neste assumpto.

ELLA. — Você acaba de construir uma ponte sobre não sei que rio, e da qual falaram todos os jornaes. Uma obra-prima, dizem...

ELLE. — Não é tal. Não é uma obra-prima: é uma ponte vulgar. Mas não comprehendo... não sei aonde vae parar...

ELLA. — E' muito simples. Quanto tempo levou para construir essa obra?

ELLE. — Dois annos.

ELLA. — E que vale mais: essa ponte ou eu?

ELLE. — Ora, Laura, por favor, não estabeleça comparações! Você, cem mil vezes mais!

ELLA. — Então, como pretende que meu amor lhe custasse menos trabalho do que essa ponte?

ELLE. — Comprehendi...

ELLA. — Então?...

ELLE. — Então... Começo a trabalhar e sou optimista.

ELLA. — Muito bem. Mas é necessario que seja uma obra prima.

(Sôa uma valsa e Elle e Ella se perdem entre os pares que dançam...)

RAMIRO ALCARAZ.

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Gyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

TELEPHONES: DIRECTOR: 2-0377. — ADMINISTRAÇÃO: 2-4136

CAIXA POSTAL 97

RIO DE JANEIRO

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno ...... 48$000

Semestre ...... 25$000

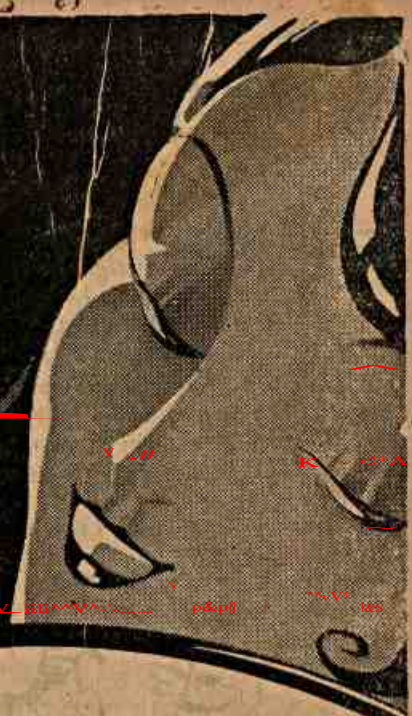
Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Ltd. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.

Repr. na Europa: Davignon. Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

MALGRÉ LE TEMPS
ÉTERNELLEMENT
JEUNE

O HOMEM DO TAXI

EMPURRARAM o homem, violentamente, para dentro do gabinete do commissario de policia. Elle apresentava uma physionomia abatida, acabrunhada. Seus cabellos cahiam em desordem sobre a fronte. Sua roupa, amarrotada, ostentava alguns rasgões.

— Senhor commissario este homem estava a manobrar um revolver dentro de um taxi. Viram-no assim os passageiros de um auto-omnibus que passava e que, amedrontados, diante do seu todo de allucinado, o indicaram aos guardas.

O homem deu de hombros, sem nada dizer, sacudido por um tremor nervoso. O commissario fitou-o com severidade, e com severidade perguntou-lhe:

— Como se chama?

— Eugenio Marchand.

— Seu endereço, profissão, edade.

— Rua Trudaine, 36, empregado no commercio, 28 annos.

— Mostre-me seus papeis.

O homem não se moveu.

— Elle foi revistado, sr. commissario, disse um agente. Não trazia nenhum papel comsigo a não ser esta carta.

O commissario leu, a meia-voz:

"Meu querido — Preciso fazer-te uma confissão. Parti em companhia de Francisco. Sabes que sempre o amei. Declarei mesmo, lealmente, quando me convidaste para viver comtigo, que meu coração estava tomado e não te pertenceria nunca. Sabia tambem que Francisco voltaria um dia, da America e que elle não poderia esquecer-me.

Vivemos — eu e tu — durante dois annos, na mais perfeita união. Não me cabe a culpa de me haveres amado a tal ponto. Muitas vezes cheguei a ter medo desse amor assim tão profundo, e extremado.

Evitamos fallar do futuro, mas, — lembra-te — nunca te menti. Milhares de vezes disse-te: "Eugenio, recolheste uma creança perdida, que está á espera de que a venham buscar. Não pensa em guardal-a, não alimentes illusões. Tocou-o, commoveu-o profundamente teu bom, bonissimo coração, tão cheio de attenções, de solicitude, de carinho e de amor; mas ella não te ama como tu a amas." Parti, de repente, de modo imprevisto. Não tive coragem de te dizer adeus. Porque nunca mais nos veremos. Desculpa-me; perdôa-me. — Thereza."

— Sei do que se trata, disse o commissario com um tom de voz menos rude — dor de amor... Hum... Para onde ia, dentro de um taxi, com um revolver á mão?

— Não o sei mais... Dei ao chauffeur a indicação de uma estação... Desejava matar-me no taxi... A gente do auto-omnibus viu-me... Soltaram gritos... Tiveram medo, os imbecis.

— Está bem certo de ter tido a intenção de

suicidar-se? Ou pretendia apenas matar sua amiga e seu amante?

— Oh! sr. commissario! Sou um homem honesto, bom, fraco. Eu, fazer mal á minha Thereza? Mesmo áquelle que m'a roubou?... Não... amava demais a Thereza. Quando li sua carta a vida pareceu-me uma *blague*, uma *blague* que nada valia... Quiz, então, pôr-lhe um fim.

— Por que maltratou os agentes, atracando-se com elles?

— Porque elles queriam forçar-me a viver.

— Acho-o muito exaltado para um homem pacifico e fraco. Ficará preso, até findar o inquerito.

— Mas não sou um malfeitor, nem um assassino. O senhor não tem, assim, o direito de me prender.

— Não falle de direito. Não trazia uma arma prohibida comsigo? Levem-no!

Eugenio Marchand passou quatro dias na prisão. Depois, resolveram pôl-o em liberdade, privado de seu revolver, e com uma nota de pena em cartorio pelo porte dessa arma. Um commissario fez-lhe um pouco de moral, muito gentilmente.

— Prometta-nos nunca mais pensar em gestos de violencia. Quando se é joven e forte como você, a gente se cura quer queira, quer não, das feridas do amor. Jure-me que não tentará contra a sua vida. Vamos! Jure, sincera, francamente, como um homem que não tem o direito de desesperar.

— Juro-o, sr. commissario!

Dolorosamente, Eugenio tornou a entrar em sua casa. Se aquelles idiotas do auto-omnibus não o tivessem impedido, hoje, elle já estava morto. Os representantes da justiça — esses accommodam á sua vontade os soffrimentos do coração... A gente cura-se... Todos se curam... O tempo tudo faz esquecer... ha tantas outras mulheres.

Outras mulheres! Eugenio sorriu. Nunca tinha pensado em amor, antes de encontrar Thereza. E a lembrança, a recordação desta mulher enraizou-se no seu coração com uma cruel fidelidade. Aquella carta secca, apressada, que serviu para divertir os magistrados: "Não tenho culpa de me teres amado assim." Ah! A vil, a revoltante declaração, falha de emoção, de nobreza e de pudor! E ella illuminara sua vida, toda sua vida obscura e simples, bruscamente, como um relampago. E mostrava-se tão corajosa, tão satisfeita na direcção de seu modesto *menage*, trabalhando fóra em casa de uma costureira. Vestia-se de um nada, e ficava encantadora, na sua graciosa simplicidade. Seu modo de se deixar beijar, piscando os olhos... A doçura de seus beijos, de suas caricias... O som de sua voz, tão estranhamente grave e musical... Suas

RENÉ LEHMANN

noites, em casa, ao pé do T. S. F., de que tanto gostavam, ou da victrola que tocava seus discos predilectos: *Blue Heanen*, tão tristes, tão cheio de melancolia, ou o *Show boat*, alegre, saltitante, brejeiro!

Todos esses pensamentos obsedantes, fazem reviver o seu amor e Eugenio rebenta em prantos. Quando se ama como elle não se pode nutrir e conservar uma colera justa, legitima, que denuncia as faltas e a maldade da infiel e desfarça uma consoladora altivez, cheia de esquecimento e de resoluções viris. Thereza partiu. Tornou a encontrar esse musico que a abandonou para ir metter-se na posse de não sabe que fortuna de dollares. Elle fizera o "interim" E' assim que se diz nos jornaes...

Subindo, lentamente, degrão a degrão, a escada de sua casa, Eugenio pensava no horror de viver ali, de novo, sem ella...

Ha outras mulheres — disse o commissario... Outras mulheres!

— Não sei, não posso esquecer — murmurou ao introduzir a chave na fechadura.

(Continúa na pag. 67)

(Illustração de Marcello Roberto)

THAIS (Pernambuco) — Ih! cara conterranea! Como está zangadinha! Porque? Fiz apenas uma *blague* innocente com V. Ex. — na supposição de que a sua intelligencia se alegrasse com o meu bom humor. Errei? Perdão

Escreve V. Ex.:

"Recife, 20 de Fevereiro de 1930. Yves: Aqui tenho o "Fon-Fon de 18-1-930; nelle está sua resposta á minha segunda carta.

Ora, Yves, por favor! Não sei a que attribuir o modo por que você se dirige a mim dessa vez. E' engraçado

Parece você interpretou mal minhas palavras. Ellas não tinham, porém, a intenção que você suppoz.

Absolutamente não era intuito meu fazer-lhe elogios; apenas expuz a satisfação de ter sido recebida lisongeiramente por você; Você está tão habituado a lidar com consulentes... como direi... idiotissimas! Existem algumas creaturas mesmo bôbas na sua secção, Yves! Não lhe invejo a sorte francamente!

Creia-me, desejo tanto figurar num lugar de mais alta categoria que não seja o "Saibam todos"! (Desculpe, você comprehende, não quero por forma alguma offender-lhe). Você deve concordar commigo; essa secção é uma pagina de tolices! Entretanto para subir uma escada galga-se do primeiro degrão. Pode haver tambem um tombo na ascensão e a marcha tornar-se vertiginosamente descedente. Conforme!

Ja tive o prazer de ver composições minhas figurarem em lettras de fôrma numa revista daqui e teria c o n t i n u a d o como collaboradora, si o hebdomadario a que me refiro não se houvesse acabado.

Finalmente em tudo que escrevi quero somente dizer que não gostei nada da sua segunda resposta. ciencia? Aquelle "Gostou?" com que você termina. Achei tão sem Sabe o que mais me irritou a pa- assumpto!

Outra: quando lhe prometti um presente, não declarei o que era. Fique sabendo que não acertou. Pernambuco não produz somente mangas!

Diz você que minha letra revela sovinismo. Não c r e i o em graphologia; admito que se possa applicar essa sciencia (?) para sondar o estado de espirito da pessôa no momento em que escreve; assim como a musica, na cadencia dos sons, do rythmo e da harmonia, interpreta os verdadeiros sentimentos da alma de quem a compõe.

P. S. Para esta resposta não use o pseudonimo de "Consciencia", dirija-se por obsequio a *Thais*."

Agora, lá vae a resposta.

Tambem sou da sua opinião: acho que esta secção é de tolices. Mas duas andorinhas só não fazem verão. Si a maioria é de tolos, é claro que sendo nós dois os unicos "sabidos" a deixar de lel-a, ficamos de mau partido.

A maioria, que se compõe de milhares de leitores, (a prova é a correspondencia numerosa que recebo de todo o paiz) dirá com razão que os tolos e pretenciosos somos nós — com a nossa "sabedoria".

E' inutil! Não convem fazer de D. Quixote por tão pouco. Lutar contra a multidão é que é refinada tolice. Assim, é melhor ficarmos ao lado dos tolos, para não cairmos no ridiculo. Aliás, lendo o que o chefe dos tolos escreve, V. Ex. denota vocação para tola... Não é verdade? Não julgue que esteja a fazer ironia. O que desejo é que V. Ex. não queira ser *sabichona*, como "Les Femmes savantes", de Molière. Para que perder o seu tempo em ser palmatoria do mundo? De mais — olhe: aqui, na Praia Vermelha, ha muito maluco que se tem á conta de sabio, e não ha psychiatra nem duchas escocesas que os convençam de que são maluquinhos da Silva. Não, D. Thais, tenha a elegancia grega de querer ser apenas mulher bonita, como a sua homonyma. Deixe de lado as pretenções das saberétes e "bas bleus"...

Outra: V. Ex. ficou zangada por eu ter dito que a sua graphia indicava sovinice. E d e c l a r a: "Não creio em graphologia". Ora isso é que é uma tolice, e das grandes. A gente crê numa coisa que reclama fé. Exemplo: os mysterios da Santissima Trindade. Essa fé foi a que S. Paulo definiu como sendo o "firme fundamento das coisas que se não vêem" e que levou Santo Agostinho a formular o paradoxo: "Credo quia absurdum". (*Creio porque é absurdo.*) Elle queria dizer com isso que a fé, para crêr, não necessitava de comprehender. Muito bem isso é razoavel no dominio empyrico. Tratando-se de sciencia, (vide Lombroso, Desbarolles, Crepieux-Janin, Paul Joire, Camille Baldo e outros mestres) é sciencia experimental, alliada á psychologia, a fé não pode entrar nella. Sciencia se discute; prova-se ou se nega. Podemos dizer que o bacillo de koch produz ou não produz a tuberculose. Mas, si dissermos: "Não creio na microbiologia", damos um attestado de deploravel pobreza mental. V. Ex. pode dizer: "Não creio que a minha letra revele sovinice. Estudei bastante a sciencia do abbade Michon e verifiquei que a minha graphia revela prodigalidade". Mas dizer: "Não creio na graphologia" é uma *gaffe* de menina de escola.

Em sciencia não ha crenças senão para as pessôas incultas que não sabem ou não podem estudal-a. Tinha graça que eu, por ouvir o medico dizer que soffro do coração, lhe berrasse truanescamente: "Não creio na physiologia!" Outra *gaffe*... sabichona. Diz V. Ex.: "Admitto que se possa applicar essa sciencia (?) para sondar o estado de espirito da pessôa no momento em que escreve". E' claro! Tudo é relativo. Si uma pessôa quer a sua graphologia, deve escrever num estado de repouso e normalidade, para que o exame da letra constate os valores positivos e os traços caracteristicos da personalidade psychica, moral e physica.

Si um enfermo estiver atacado do figado e disser ao medico, com o intuito de prejudicar o seu diagnostico: "Doutor, estou com dôr de cabeça", é claro que o facultativo o empanturrará de cafiaspirina de Bayer, em vez de lhe dar ruibarbo ou outra dróga indicada.

Por isso que todo graphologo exige que se escreva com calma e no minimo vinte linhas, afim de que a letra conserve a sua feição propria, isto é, seja o que deve ser na sua morphologia.

Apezar de que a agitação da letra só se refere ao estado de espirito da pessôa. Os outros traços fundamentaes, mesmo quando a letra é disfarçada, permanecem inalteraveis aos olhos do graphologo. Quando, porém, a letra apresenta s i g n a e s de *intensidade*, grandes movimentos reveladores da agitação do espirito, que lhe não são peculiares, o graphologo o percebe, claramente. Exemplo: a sua letra é sempre traçada com agitação. Porque, graphologicamente, V. Ex. é uma impulsiva, uma desordenada, que procura dissimular o que sente.

E, agora, vá dizer com a sua singeleza de espirito, que não *crê* (não *crê*, santo Deus!) na graphologia.

Pois sim, D. Thais...

JOSÉ LOUREIRO JUNIOR (S. Paulo) — A sua carta esclarece muito bem o caso do cavalheiro que se diz José Loureiro Junior e me enviou uma carta a pagar. Attendendo o pedido que me faz, resolvo publical-a na integra:

Como as Mulheres Sofrem

As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoecem muito mais facilmente do que elles.

Isto não é nenhum segredo para os bons Medicos.

O organismo da Mulher é muito mais delicado, muito mais vibratil e mais sensivel do que o dos homens.

A prova é que um Susto ou Medo Repentino tem sempre effeitos mais desastrosos e consequencias mais graves para as Mulheres.

Algumas mulheres são tão sensiveis, os seus Nervos são tão delicados, que basta ás vezes a Leitura de um Romance comovente, um aborrecimento ou uma noticia inesperada, para que certos Orgãos internos comecem a soffrer.

Mesmo as Senhoras mais calmas, que se julgam mais fortes e resignadas, contra os desgostos da Vida, soffrem as graves consequencias de Sustos, Contrariedades ou Comoções Violentas.

Uma simples Raiva, um Sobresalto qualquer, até nas mulheres de maior resignação, de mais coragem, de animo mais firme e que parecem ter esplendida Saúde, causa sempre transtornos e perturbações Organicas, que podem ser o começo de certas Doenças Perigosas.

As Senhoras que parecem mais tranquillas e pacientes, contendo e guardando maguas, dissabores e pezares, são, no intimo, tão impressionaveis e sensiveis quanto as outras.

Conter as Lagrimas, não se queixar de nada, soffrer tudo calada, como uma santa, dominar-se nos momentos mais dolorosos, exige sempre uma fortissima Tensão Nervosa, que equivale a um grande e immenso soffrimento.

Garanto ser este o supremo soffrimento, a dor suprema, a Verdadeira Tortura!

Nada abala tanto a Saúde e arrisca tanto a Vida.

Não convem facilitar.

Por isto, aconselhamos a todas as Mulheres, de qualquer idade, sejam velhas ou moças, calmas ou nervosas, que leiam e façam o seguinte:

Muitas Senhoras já ha muito tempo que estão soffrendo do Utero e não sabem, nem desconfiam de nada.

Não pode haver Perigo maior!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incommodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Bocca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbido nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Differentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimentos da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pelle, Certas Feridas, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc., etc. Tudo isto **pode ser causado pelas Molestias do Utero!**

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado.

A's vezes a pobre doente pensa que está soffrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente!

A prova de que tudo vem do Utero Doente é que com o uso do ***Regulador Gesteira*** todos estes Males desapparecem e a mulher sente-se outra, como que ressuscitada, alegre com a Vida e com o Mundo.

Use ***Regulador Gesteira***

O Melhor tratamento é usar ***Regulador Gesteira.***

Sim! Sim!

Regulador Gesteira é o Remedio de Confiança para tratar inflammação do Utero, Catarro do Utero causado pela inflammação, Anemia, Pallidez e Amarellidão das Moças, Ataques e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, a Fraqueza do Utero, as Dores da Menstruação, as ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflammado!

Comece hoje mesmo a usar ***Regulador Gesteira***

"Ribeirão Preto 28 de Fevereiro de 1930 Sr. Yves. Rio de Janeiro. Cordiaes saudações. Chamo-me José Loureiro Junior, sou filho do Dr. José Loureiro, advogado e industrial aqui domiciliado, alumno do quinto anno do Gymnasio do Estado, nesta cidade e tenho dezesete annos de idade. Apezar de leitor constante do "Fon-Fon", não vi nessa revista uma resposta de V. Sa. a José Loureiro Junior — Ribeirão Preto —, entretanto, dois ou tres dias depois dessa publicação, tive minha attenção despertada para ella por aviso de um collega e amigo. Li-a, pelo seu contendo certifiquei-me de que, ou se tratava de algum homonimo aqui tambem residente, ou de uma perversidade de algum dos meus desafectos. Sendo felizmente, bastante conhecido aqui, estimado e conceituado, achei que nenhuma defesa ser-me-ia necessaria, pois desde logo se patenteava qualquer daquellas hypotheses acima formulada. Acabo porem de ler novamente no ultimo numero do "Fon-Fon", uma resposta de V. Sa. a José Loureiro Junior, de São Paulo, na qual se faz nova referencia a José Loureiro Junior de Ribeirão Preto, o que me força, desta vez, a uma defeza, dada a coincidencia do nome e residencia e o revide do facto. Apezar da minha pouca idade, aqui redijo a revista — "O Estudante" e o jornal humoristico — "O Ferrão", dos quaes envio-lhe um exemplar. Alem disso tomo parte como collaborador na redacção da "A Cidade", diario que se publica nesta cidade sob a competente direcção dos jornalistas Renato Barrilari e Sebastião Palma, com os quaes faço a minha aprendizagem. Nunca publiquei, nem tentei publicar, trabalho literario meu, em quaesquer outros jornaes ou revistas desta cidade, do interior ou das capitaes deste estado ou da União. Fui o anno passado candidato ao cargo de presidente do "Gremio Olavo Bilac", associação literaria dos alumnos do Gymnasio do Estado, do qual era então orador. Por occasião desse pleito houve grande agitação em torno das candidaturas e uma polemica jornalistica, que foi ao extremo de um pugilato, dando logar a intervenção das autoridades locaes e da Congregação desse estabelecimento de ensino. Nessa campanha, como chefe que era de um dos grupos em lucta, adquiri algumas desafeições e tive mesmo o desgosto de algumas inimisades pessoaes, dados os extremos a que chegaram os trabalhos eleitoraes. Relatados assim os meus antecedentes, passo agora a affirmar categoricamente a V. Sa. que em absoluto não lhe enviei qualquer trabalho literario meu solicitando-lhe a sua publicação na revista "Fon-Fon", e, se o fizesse, tratando-se de uma estréa, por certo não o teria feito em correspondencia sujeita a multa, pois preso-me de ser moço educado e de bom senso, e, apezar de estudante, a minha situação financeira jamais foi tão precaria ao ponto de faltar-me recursos para o sello da minha correspondencia. Existem aqui outras pessoas com o sobrenome de Loureiro, tanto assim que, ainda em principio do anno passado, meu pae, como industrial que é, na defesa de seu credito, foi obrigado a declarar pela imprensa local, não se entender com sua pessoa a publicação referente ao protesto de uma cambial no valor de 14:000$000, aceita por José Loureiro e endossada por um terceiro, portanto, não duvido que haja por aqui tambem algum José Loureiro Junior, que não tendo titulos a serem protestados, possa, em todo caso, provocar protestos de jornalistas. E se não for esta a hypothese para a carta que foi dirigida a V. Sa., então, sou victima da perversidade de algum dos meus desafectos que para expor-me ao ridiculo, sujeitou-me a sua censura, enviando-lhe trabalho que não é de minha autoria e por processos já previamente delineados para o resultado que tinha em vista. O que porém é certo e mais uma vez o reitero é que eu em absoluto não lhe enviei carta alguma com ou sem sello. Moço como sou e principiante, é bem possivel que os meus trabalhos sejam mediocres, mas o que lhe posso affirmar é que só os tenho publicado nos jornaes acima mencionados. Confiado pois no seu elevado criterio, espirito de justiça e cortesia, espero que dará a esta a necessaria publicidade, ou pelo menos rectifique, na parte que me possa tocar, a resposta dada a José Loureiro Junior, de Ribeirço Preto — com que muito grato lhe ficarei.

O amigo adm. obr. — *José Loureiro Junior.*"

OISEAU BLEU (S. Paulo) — Uma cartinha lilás. Muito bem. V. Ex. denota muito bom gosto. Ella não traz perfume, o que é natural, em vista da crise que assoberba S. Paulo; mas pode ser que traga bôas idéas... Leiamol-a.

"Caro Yves, Como leitora assidua do "Fon-Fon" e sobretudo do "Saibam-todos" desde muito alimento o desejo de escrever-te sem comtudo ter a coragem de fazel-o pois tenho receio de tuas criticas porque vi pelas respostas que dás que não és capaz de dizer-me phrase lisongeira que não seja merecida as Paulistas que como já notei constituem seu lado fraco, por isso dicidi-me a enviar-lhe uma de minhas numerosas creações poeticas, que me diga se já posso ser admittida no rol das poetisas, apezar de minha pouca idade.

Sua sincera admiradora, Oiseau Bleu."

Muito bem. Li a poesia que me remetteu e cheguei á conclusão de que não a soube copiar. Olhe que o seu autor vae ficar aborrecido.

Quanto a dizer si V. Ex. pode ser admittida entre as poetisas, eu creio que sim. Mas entre as de agua doce. Pode ser que arranjando o "pistolão" do poeta, cuja poesia V. Ex. copiou, talvez elle consiga incluil-a entre as poetisas de meia tijella... Quem sabe? Tudo é possivel neste mundo! Até mesmo vêr uma poetisa de quinze annos...

VICTORIA REGIA (Amazonas) — Não fosse cabotinismo, e eu publicaria a carta onde me offerece os versos que se referem ao "O Suave enlevo".

WILSON RIBEIRO (Parahyba do Norte) — O seu chromo "Na Rua" vae ser publicado na secção humoristica "Vida Alegre", da *Sclecta*.

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Aos nossos leitores. — **Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.**

GRAPHOLOGIA — *Condições in dispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

Todo e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone 2-4136

FON - FON — 15 - 3 - 930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

NA época do trabuco, depois da carabina Flobert, o mais garoto de nós, era incontestavelmente a prima de meu amigo William, a pequena Evelyn, tambem conhecida pela alcunha de Baby.

Todos os verões, ella vinha da Inglaterra passar as férias em França, cada vez mais desenvolvida, mais forte, e, mais do que seus cabellos loiros cortados á Jeanne D'Arc, seus olhos azues impertinentes, nós lhe admiravamos o ar resoluto e a infatigavel audacia.

Acontecia que, durante muitas horas, eu e os companheiros Jean Gournis, Pigoreau e William discutiamos, em que empregar a nossa quinta-feira. Com Evelyn, tinhamos sempre "excursões" em perspectiva.

Ella não se contentava em conceber os planos mais arrojados; tomava a deanteira e nós a acompanhavamos, ainda que não fôsse ella a mais velha. Nenhum escrupulo resistia áquella ironia fria, áquella maneira de ordenar, com o dedo em riste:

— Oh! Estupido m e n i n o, avante!

Com seu enorme chapéo de palha, cujo elastico ella marcava, atirado para as costas, com uma vara na mão, caminhava, com os olhos alertos, de braços nús até quasi os hombros.

Suas pernas nervosas eram riscadas em arabescos, dos arranhões dos muros, das esfoladuras dos gravetos e tambem dos gatos que ella emparedava nos cantos para fazel-os *sauster*.

Estavamos, como é facil imaginar, todos quatro, apaixonados por Evelyn. D'ahi o estimulo o desejo de brilhar aos seus olhos, que nos lançavam, frequentemente, uns contra os outros, ameaçando, por mais de uma vez degenerar a scena em pugilato.

Iamos, constantemente, caçar tordos na quinta do Hulotiere, de propriedade do pae Richecœur, dono de grande pomar cercado de muros e que fornecia cidras ao pae Pigoreau. Esse antigo couraceiro de Reichshoffen, barbeado a rigor, vestia ainda a blusa azul. Sorrindo por detraz do fuzil, elle examinava as nossas carabinas, como conhecedor que era do assumpto.

— Engenhosas, de véras, essas pequeninas machinas. Não matarão, certamente, um prussiano, mas devem matar bem os pardaes. Mataram muitos da ultima vez, mas a pequena sóbe muito nas minhas arvores fructiferas, e não deve insistir, que póde sahir-se mal.

Evelyn seguia-o contrariando-me os passos. Como não tivesse arma, nós lhe emprestavamos as nossas, ora um, ora outro.

— Áquelle que matar maior numero de aves, disse ella, certa manhã, eu dou...

Esperavamos intrigados, scepticos.

— Dou um beijo.

— Acreditas? E' caçoada, — disse — Pigoreau.

Ella bateu com os pés.

— Estou dizendo que dou. Vão, que contarei as caças depois de mortas.

Cada qual se julgava melhor atirador que o outro. Um beijo de Baby!... Eu sabia que havia no fundo do pomar, uma amendoeira de Rainha-Claudia toda torta, onde um boneco de braços espectraes mal protegia os fructos fendidos e sumarentos, das aves de rapina.

Escondi-me debaixo dos galhos e ouvi os primeiros tiros dos meus camaradas.

Estorninhos, tordos, lentilhões, cardeaes espantados refugiavam-se ao pé de mim. Habitualmente, não era dos mais inhabeis, n'aquella manhã, eu atirava muito depressa e minhas mãos tremiam. Perdi um melro, dois tordos, uma toutinegra, varios pardaes. Os risos abafados que chegavam até mim, debaixo das macieiras, faziam augmentar o meu nervoso. Elles os acompanharam, sim, elles os possuiam...

Pouco a pouco, as detonações espaçaram-se. Os passaros voltavam aos campos vizinhos e era tempo de tomar caminho da cidade.

Foi quando eu vi, sobre minha cabeça, na ameixeira de melharuco, um lindo melharuco rajado de preto, amarello e

verde. Estava pousado a dois metros da minha cabeça e não me via. Um enigo de Bahy!... Lentamente, levantei a carabina e fiz fogo. Toda a carga apanhou a avesinha, depenando-a pela metade.

Os outros chamavam-me. Apanhei o pequeno corpinho ainda quente. Lembro-me que cantarolava, para aparentar um ar despreoccupado:

— Tenho oito passaros, — gritava Jean Gournis — e nenhum pardal, meu velho: tenho tres cordos.

Guilherme tinha cinco e Pigoreau dois. Evelyn esperava-me com toda a dignidade d'um juiz. Puz-lhe na mão a ave ensanguentada.

— Oh! Um filhotinho... E que mais?

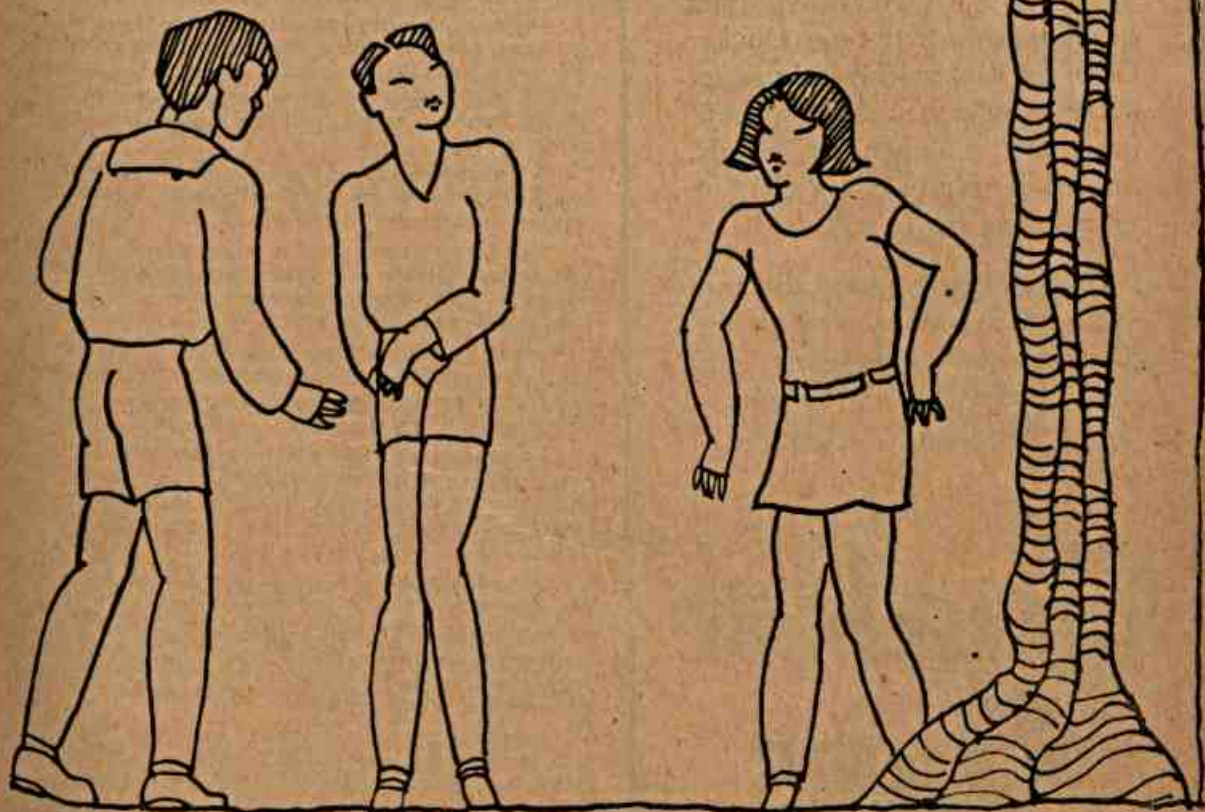
— E' só — confessei pezaroso.

— E' só... Ah, desastrado carniceiro, assassinaste o filhóte!

E com a mão cheia de sangue esfregou-me o rosto beijando em seguida Jean Gournis, emquanto me olhava de soslaio com ar maldoso.

Os outros riam-se.

Essa mancha vermelha, creio, até hoje não se apagou de todo.

Fui rever Evelyn, ha alguns annos, no casino Dinard. Conservava, no desbotado de sua belleza loira, aquelle sorriso ironico e desdenhoso que nos dominava antigamente. Cavalheiros a rodeavam, avidos de lhes satisfazer aos caprichos e eu revia aquelle gesto: "Estupido, vae". Mostraram-me seu marido sentado um pouco além: um inglez muito rico em trajes de *yachman*. Calmo, com um cigarro nos dentes, não perdia um só movimento da esposa e penso ter-lhe descoberto nos olhos, o olhar inquieto d'um meninote de doze annos, desconfiado, tristonho e covarde...

ILLUSTRAÇÕES DE MARCELO ROBERTO

Minha demissão...

"Excellencia:

Em cumprimento das ordens de v. ex., envio-lhe um minucioso e preciso relatorio da visita por mim effectuada á cidade de Vetusta, na qualidade de secretario de v. ex. e de representante official.

Rogo-lhe dispensar-me a cortezia de lel-o, e de acceitar as conclusões a que nelle chego.

. . .

O trem sahiu estrepitosamente e parecia que, de um lado e de outro, fugiam, em direcção contraria, dois mantos de esmeralda matizados de vivas côres. No alto, um céo limpido; em torno, o perfume das flores embalsamando as suaves brisas de maio. Que sensação de paz e de repouso offerece a formosa campina até para um grave personagem politico!

Mas eis que, de repente, após um demorado apito da locomotiva, um estridor de freios e um soar ruidoso de instrumentos musicaes. Estamos na estação de Vetusta.

Flores, bandeiras, uniformes, povo numeroso e estrepitosos applausos. E todo esse apparato por minha causa, isto é, por causa de v. ex., de quem eu, naquelle momento, era o representante; ou melhor ainda, por causa de nossos altos cargos.

Involuntariamente, pensei eu, então, que, si tanto eu como v. ex. fossemos dois perfeitos imbecis (perdôe-me a estranha comparação), eu talvez tivesse a mesma imponente recepção, porque, com a investidura official, nós não somos nós, mas o alto cargo que representamos.

A autoridade, trajes negros, altas e lustrosas cartolas, escovadas de novo, luvas brancas, muitas reverencias, e, a seguir, os discursos.

Estes, não os repetirei a v. ex. Dir-lhe-ei apenas que as autoridades começaram pela manhã e terminaram á noite, dizendo sempre palavras, palavras e apenas palavras.

Depois, entre musicas numerosas e um longo cortejo, chegámos ao palacio municipal. Ali, bandeiras, decorações, galhardetes tambem. Recepção official na ampla sala do conselho, e ainda discursos.

Eu, adaptando meu gesto á serenidade indispensavel em taes circumstancias, observava attentamente, entretanto, uma formosa sala do seculo XVI e a magnifica collecção de obras pictoricas admiravelmente conservadas.

Mas uma parede havia em que se destacava uma fila de quadros com photographias modernas.

— Excellencia — disse-me um dos presentes — esses são retratos dos homens illustres de nossa cidade. Incluiremos entre elles o de v. ex., porque pensamos offerecer-lhe a cidadania honoraria.

Agradeci, não me lembro como, mas tive vontade de dizer-lhe que aquella parede estaria muito melhor sem a intromissão daquelles quadrinhos.

Emquanto os discursos continuavam, o personagem que se achava perto de mim me fez observar que meu retrato estava no meio, no logar de honra.

— Ao lado do meu — sussurrou-me.

Por

CAETANO BEZZI

— Meus parabens, cavalheiro. Vê-se que o senhor deve ter feito grandes e uteis coisas por sua cidade.

— Perdão, si me permitte... E' que sou commendador. Sou o commendador Villani. De certo v. ex. deve ter ouvido falar de mim. Tenho muita coisa em que pensar. Actualmente, sou director geral de todos os institutos, escolas...

Felizmente, uma ovação estrondosa, dedicada a mim, veiu lembrar-me que era chegado o momento em que eu devia falar. E pronunciei aquelle discurso para o qual v. ex. me havia enviado, opportunamente, alguns apontamentos.

Não occulto a v. ex. que, alguns dias antes de sahir para Vetusta, vacillava entre agir ou não dentro das suas instrucções. Mas, depois de ter ouvido os primeiros sete ou oito oradores daquella cidade, declamei, sem hesitação alguma, nosso discurso, com todas as farças e mentiras nelle contidas, e sem sentir remorso algum.

E nisto se vê que a hypocrisia é uma epidemia contagiosa nas cerimonias officiaes. Pois fui applaudidissimo.

Fomos, depois, inaugurar o monumento erigido aos mortos na guerra. Proximo a mim, ia sempre, firme e constante como o Destino, o presumpçoso e solenne commendador Villani.

Será preciso repetir a v. ex. o cúmulo de palavras retumbantes e vãs que dissemos eu e os outros dez oradores, deante do severo monumento?

Creio que v. ex. conhece melhor do que eu a commovedora solemnidade que costumam alcançar as demonstrações de regosijo e de patriotismo quando tem caracter official.

Eu, excellencia, em presença de tal exhibicionismo, pensava com terror no que diriam e fariam aquelles infelizes mortos si no momento pudessem resuscitar.

Falou tambem o commendador Villani.

Não me detenho em commentarios a respeito e passo a referir-me á visita feita ao hospital de mendicidade. Os habituaes numeros de musica e discursos.

Um bello ancião, de cabellos brancos, severo e triste, tinha os olhos cheios de lagrimas.

«Estará commovido pelo que diz o orador?» — pensei eu.

Não. Parecia muito intelligente.

Emquanto o commendador Villani falava calorosamente de caridade, beneficencia, deveres e outras tantas coisas semelhantes, procurei a maneira de saber alguma coisa a respeito daquelle ancião que estava perto de mim.

— Imagine, excellencia — disseram-me — que, antes da guerra, era um dos mais ricos proprietarios da cidade. E' um conde authentico.

— E como chegou a precisar recolher-se a um asylo de mendicidade?

— Muito coração e a bolsa sempre aberta para todos, notadamente durante a guerra. Deu, deu até que

Minha Demissão...

(Conclusão)

se viu obrigado a contrahir dividas e agora vive do que lhe damos nós.

— Vós estaes sempre presentes em meu espirito e em meu coração! — gritava o commendador Villani.

Estrondosos applausos da multidão abafaram as ultimas palavras do orador, que foi muito felicitado, inclusive por mim.

Musica, bandeiras, cantos e visita ao asylo infantil.

Os meninos, que eu tanto amo, pallidos pela emoção, tremulos, com o olhar fixo, cantaram um, dois, tres, não sei quantos côros.

Por uma janella aberta se via, fóra, uma cerejeira cheia de rosados fructos. Os passarinhos iam e vinham beliscando os saborosos frutos, emquanto que os meninos, como fantoches automaticos, continuavam cantando como papagaios domesticados.

— Deixae-os ir ao sol, brincar sob a cerejeira, saciar-se de frutos, e não os torneis malucos tão cedo... — tive vontade de gritar, naquelle momento.

No emtanto, fiz tambem meu discursozinho de occasião...

E assim continuou o dia inteiro: almoço official, visita ao museu, ao hospitl, á escol industril, e sempre musica e discursos, discursos e musica...

Na manhã seguinte, já bem longe da hospitaleira Vetusta, encontrei, por acaso, um velho amigo — o advogado Brauni — de quem v. ex. deve se lembrar, porque foi, durante algum tempo, secretario do ministro X.

— Meus parabens — disse-me elle. — Acabo de ler a chronica dos festejos realizados em Vetusta, por motivo da tua visita áquella cidade.

— Não me fales! Estou cansado e...

— Viste o impagavel commendador Villani?

— Tambem o conheces?

— E muito. Tambem eu tive occasião de visitar Vetusta ha varios annos, em caracter official.

E o meu optimo amigo me informou a maneira como o commendador Villani, um usurario, se tornára dono de immensos terrenos; e tambem como, durante a guerra, fez o famoso commendador soffrer fome a população local, escondendo os viveres e mercadorias que depois vendia a preços enormes, e como a toda hora especula com as instituições que preside.

— E meu retrato figura, em uma sala municipal, ao lado do farçante! — exclamei, furioso.

Meu amigo soltou uma sonora gargalhada e eu o contemplei, espantado. Então, elle me explicou:

— Faz tres annos, no mesmo logar, e certamente no mesmo quadro, ao lado do retrato do commendador Villani, estava o meu. Depois, quando cahi de minha elevada posição, meu retrato cedeu o logar a outro e outro mais, até o teu, que, com o tempo, quando deixares o cargo, que hoje occupas, será substituido por outro. Aquelle quadro é como uma estação de transito para nós os homens politicos que passamos, mas que duramos pouco. E assim é a vida politica, meu amigo.

Minha informação está terminada.

Excellentissimo senhor, apresento a v. ex. o meu pedido de demissão."

A PONTUALIDADE — DE C. E. THOMPSON

Ao completar vinte annos, Patricio Halboran havia recebido mais de uma duzia de propostas para se collocar em importantes cidades da Irlanda. Todas, porém, foram repellidas deante da mais segura e lucrativa, que o senhor Joshua Jorann lhe offereceu em seus escriptorios de Londres.

A bôa sorte de Patricio coincidiu com o nascimento do novo anno, e elle jurou, pelas cinzas de seus avós, pôr em pratica esse velho rifão que diz *anno novo, vida nova* e, assim, emmendar-se para sempre da horrivl falta que constituia sua desgraça, e sem a qual poderia passar como modelo de moços irlandezes.

O defeito, o grande defeito de Patricio consistia em sua falta de pontualidade. E mal dizia o joven pela decima quinta vez, emquanto se barbeava ás pressas e correndo para não chegar tarde á primeira entrevista que ia ter com seu futuro chefe.

Effectivamente, chegou atrazado á primeira entrevista. Menos mal que a carta de recommendação do pae O'Shea o livrou de um desgosto.

Na manhã do primeiro dia de trabalho demorou excessivamente saboreando o café com pão, e chegou cinco minutos depois da hora de entrada. Mister Joshua Jorann franziu o senho, mas não fez a menor observação.

A' medida que os dias passavam, maior era a luta que Patricio sustentava com seu defeito. Mas, era inutil: todas as manhãs chegava tarde ao escriptorio. E cada manhã o cenho do chefe se alargava de um modo inverosimil.

A tempestade rebentou no fim do dia 12 de janeiro. Quando o faminto e barbudo Patricio subiu com cerca de duas horas de atrazo até o pavimento onde estavam installados os escriptorios, mister Jorann não se poude conter e o recebeu com feroz expressão.

— Si amanhã — rugiu— o senhor não estiver aqui ás nove em ponto, póde ir plantar cebollas em sua terra e dizer a seu pae que é um caso perdido e não conseguirá fazer carreira.

Patricio ficou preoccupado o dia inteiro, deante das espantosas visões de um regresso ignominoso á casa paterna. E quando, depois de seu trabalho, voltou á pensão onde residia, esteve durante varias horas passeiando por seu quarto, reforçando-se na resolução de ser pontual. Era necessario fazer um esforço? Pois o havia de fazer!

E, cansado de tanto meditar, se metteu na cama.

Um raio de sol quente deslisou por seu rosto, fazendo-o entreabrir as palpebras. Dançava a luz alegremente, sobre as roupas amontoadas em cima da cadeira, como que convidando-o a vestir-se.

Saltou do leito, consultou o relogio da parede e começou a vestir-se, animado pela idéa de que ainda tinha uma hora para chegar aos escriptorios.

Barbeou-se, tomou rapidamente o café e correu como um louco para o trabalho, consultando todos os relogios que encontrava no caminho, cheio de jubilo, ao mesmo tempo que maravilhado de que fosse capaz de ser pontual.

Quando, louco de alegria, penetrou no gabinete de Mr. Jorann, este se levantou do assento e lhe extendeu um enveloppe com dinheiro, ao mesmo tempo que fazia uma careta de desdém.

— O senhor é incorregivel! — disse a Patricio. — Póde ir embora. Alem disso, não preciso dizer-lhe onde esteve hontem todo o dia, já que nem pela manhã nem á tarde veiu aqui...

Sem comprehender, Patricio olhou o calendário que adornava a mesa do senhor Jorann.

Horror. Aquelle dia não era treze, mas o quatorze de janeiro...

INSPIRAÇÃO

SERGIPE, como sabem os escolares estudiosos da chorographia do Brasil, é, em metros quadrados, o menor Estado da Confederação brasileira. Pequenino em territorio, mas enorme intellectualmente. Lá viram a luz solar homens como o philologo Julio Ribeiro, o critico Sylvio Romero, o civilista Gumercindo Bessa, o genial Fausto Cardoso, o erudito João Ribeiro, o financista Felisbello Freire, o escriptor Gilberto Amado, o politico Graccho Cardoso, o jornalista Annibal Freire, o poeta Hermes Fontes, o talentoso Jackson de Figueiredo, o literador Laudelino Freire; e desta onda da intellectualidade sergipana emerge a figura distincta de Tobias Barreto, talento polyformo, tão estudioso que, por capricho, estudou o alto allemão e considerado ficou no proprio coração germanico, então no da Prussia, como philologo da lingua literaria da Allemanha.

Um dos iniciadores do movimento hugoano no Brasil, a chamada poesia condoreira, a sua lyrica muitissimo variada, vae da nota synthetica da evolução humana, como observa o critico de Lagarto, á humanitaria, liberal, patriotica, tribunicia, philosophica, sertaneja, psychologica, naturalista, esthetica, amorosa, comica e ao lyrismo transbordante de delicadeza.

Certa vez teve o poeta distracção prejudicialissima em Recife. Quando escrevia, costumava elle seccar os escriptos com areia preta de Aracajú, a qual lhe servia de mataborrão.

Escreveu o illustre sergipano lyricas sextilhas de uma só vez, aproveitando-se da inspiração que lhe viera de longe. Em seguida, teve de attender a alguem; e, em logar de pegar no vidro de areia preta para o entornar, fel-o, distrahidamente, com o vidro de tinta em cima do poemeto.

Depois de attender a quem o procurava, foi que reparou no estrago. E, para o longe de onde viera, tinha já voado a inspiração.

Hormino Lyra.

O presente de anno bom

Os pais de Victor não vivem em harmonia, fazem, mesmo, um pessimo "menage" — e esse meigo e terno menino de sete annos apenas, tem um coração sensivel que muito já lhe fazem soffrer aquellas incessantes altercações entre os dois entes que lhe são tão caros. Que doloroso desespero para uma creança não traz a inimizade entre seu pai e sua mãe! Elle nada comprehende, sente-se aturdido: sabe apenas que os ama muito, que os dois tambem o amam, mas... parece que elles não se amam... Por que?...

Assim o pequeno Victor sentia-se bastante infeliz naquelle fim de anno e mais ainda porque em consequencia de uma recente disputa seus paes — o sr. e a senhora Désaubiers já ha dias não se fallavam. E cada vez que se encontravam trocavam olhares chispantes de odio. Desse modo, o pequeno Victor, vendo-os absorvidos pelo seu mutuo rancor, e vendo igualmente approximar-se o dia de anno novo — dizia para si proprio, afflictivamente: — Talvez elles nem se lembrem de meu presente de anno bom!

E o dia 1º de janeiro chegou. Victor, acordado, no seu leito, não ousava levantar-se para formular seus votos de bons annos a seus paes, sentindo, confusamente a ironia de tal cumprimento. Ah! como elle desejava conhecer a causa desse dissentimento para procurar reconcilial-os! Vagamente comprehendia que o conflicto era grave, que se tratava de serias incompatibilidades de indoles. Um dia ouvira sua mãe, em pranto, fallar de divorcio emquanto seu pae, furioso sahia batendo a porta com violencia, e seu coração de tal maneira cerrou-se, nesse dia, que elle se recolheu ao seu pequeno quarto para desabafar sua dor, chorando.

Agitavam assim, no seu pensamento, todas essas reminiscencias tristes e a creança, a tomar a chicara de café com leite que lhe trouxera a empregada, juntamente com uma fatia de pão com manteiga, suspirava inquieta e melancolicamente.

De subito sua mãe appareceu; trazia um embrulho, um grande embrulho. E, a sorrir, disse-lhe:

— Bom dia, meu querido filhinho: trago-te teu presente de anno bom.

Que grito de alegria! Victor abraçando a senhora Désaubiers exclamou:

— Ah! obrigado, mamãe! Como estou contente! Que é, mamãe, que tem ahi dentro?

Fremia de curiosidade com seus olhinhos a brilharem.

— Vaes ver o que é. Deixa-me desfazer o embrulho...

— Depressa, mamãe, depressa!

Nesse momento o pae entrou. Tambem elle trazia um embrulho, um grande embrulho. Quando viu sua mulher teve um gesto de recúo, querendo sahir. Mas, ella o fitou. Elle tambem a olhou.

diante do filho que, instinctivamente comprehendia que, graças a elle, alguma cousa de bom se estabelecia entre os dois, trocaram ambos sorrisos fugitivos. E fallaram-se:

— Ah! lembraste-te tambem?... disse ella.

— Sim, tambem tu, pelo que vejo, Suzana...

— Apezar de tudo, elle é o nosso filho...

Calaram-se. O marido virou a cabeça para outro lado e a mulher baixou os olhos. Victor sentiu passar naquelle ambiente o sôpro da felicidade. Minuto unico!... O sr. Désaubiers dirigiu-se novamente á mulher com uma voz tão terna que a creança desconheceu:

— Não erraremos agindo assim!... Por nós, por elle (e apontava para o pequeno) não seria melhor... dar-nos a mão?

— Carlos... respondeu ella — isso depende apenas de ti...

— E' tempo ainda, não?

Ella respondeu "sim", em voz muito baixa, com um olhar quasi carinhoso. Victor, em silencio, exultava. Seu pae disse-lhe, depois, num tom brincalhão:

— Agora, tu, meu garotinho! Eis aqui o presente do papai!

Rasgou o papel que envolvia o presente e uma brilhante panoplia appareceu. O pequeno, encantado, batia palmas:

— Oh! Um general!

— Melhor, que isso meu querido: é uma panoplia de marechal! Aqui estão o képi, as estrellas, a espada, com copos dourados, e o bastão de commando!

— Sim, papae, como é bello tudo!

Mas, quando elle assim se exaltava, sua mãe, com uma voz completamente alterada, surda, exclamava: "E' demais! E' demais, isso!"

— Que ha, Suzana? — perguntou o marido.

— O que ha é isso — bradou ella, desembrulhando violentamente seu presente: e outra brilhante panoplia appareceu, uma panoplia tambem de marechal, com estrellas, espada, képi, bastão de commando...

— Realmente! Ah! é demais, é demais! — disse elle, por sua vez.

de Henri Falk

— Demais, por que? Não cabe a ti queixares-te! Teu primeiro cuidado deveria ter sido communicar-me o que pretendia comprar, sabes?!...

— Tu é que me deverias ter fallado, ouviste?!

— Eu, não, tu! tu! é que deverias tel-o feito!

E ameaçadores, já cheios de colera, enfrentavam-se os dois. Inutilmente o pequeno, afflicto, procurava apazigual-os:

— Mas papae, mamãe, isso não tem importancia... Duas panoplias valem mais do que uma... Durar-me-ão muito mais tempo!...

— Sempre "encapada" e insidiosa — não mudarás nunca!

— Nem tu, bruto, que sempre fóste!

— Papae! Mamãe! Supplico-vos! — exclamava o pobre Victor.

— Não me amolles tambem tu, mosquito! — gritou-lhe o pae, abandonando o quarto.

— Ah! que homem! que homem impossivel, intoleravel! — choramingou a mãe, tambem sahindo.

E o pequenino bi-marechal ficou sozinho, a chorar, diante de seus presentes de anno bom, identicos e hostis...

Aventura de um joalheiro

EM 1879, chega ao Hotel Genova, de Napoles, um cavalheiro de uma elegancia impeccavel. Deve ter cerca de cincoenta annos. Já lhe começam a branquejar a cabeça e a barba. Acompanham-no dois carros de bagagem e — o que é muito mais agradavel á vista — uma joven de deslumbrante belleza, que elle trata por sobrinha. Diz-se lord inglez. Tio e sobrinha occupam dois aposentos contiguos do hotel.

Passam-se os dias.... O hoteleiro está satisfeitissimo.... Nem todos os dias se podem receber hospedes tão illustres. Uma tarde, o *lord* pergunta onde fica a melhor joalheria de Napoles. Indicam-lhe a do senhor Amalfi, e para lá se dirige elle.

— Eu desejaria comprar uma pequenina joia.... Pouca cousa. De uns dez a doze mil francos.

Naturalmente, o senhor Amalfi se curva em reverencias.

— Senhor! Oh, senhor!...

O *lord* dá notas ao joalheiro e ordena que lhe levem aquella joia ao hotel.

Uma semana depois, novamente se apresenta na joalheria Amalfi, e mostra ao dono um magnifico relogio de ouro e diamantes.

— Senhor Amalfi, *perderam-se-me* varios diamantes, e eu desejaria que mos substituisse.

— Com muito prazer, senhor, com muito prazer!

— Bem, fique com elle!.... Oh, não faltava mais nada! Não preciso de recibo algum. Mandarei buscal-o, ou virei eu mesmo.

Com effeito, quinze dias depois volta á joalheria. O relogio estava prompto. Paga, contente, a importancia que lhe cobra o joalheiro.

Amalfi, positivamente, acaba partindo-se em dois, á força de dobrar e curvar o espinhaço.

— O senhor deseja alguma cousa mais? O senhor manda sempre! Meu dever não é outro sinão o de agradar ao senhor!

— Não, senhor Amalfi. Por agora, nada.... Embora seja uma tentação vir ao seu estabelecimento.

— Senhor!

— Quanto custa isto?.... Setecentos francos?.... Bem. Tome.... E isto? Mil? Si der por novecentos, levo. Deixa? Tome. Homem, a proposito! Escute, senhor Amalfi: minha sobrinha vae casar em dezembro, e tenho que fazer um pequeno sacrificio. Sim, não ria, senhor Amalfi. Não digo que vá arruinar-me, mas essas despezas representam verdadeiros sacrificios, mesmo para os mais fortes. Afinal, tenho que lhe dar um bom presente a essa moça. Como agora necessito ir a Paris, quero que me recommende ao melhor joalheiro de lá.

— Oh, senhor! Sem falta de modestia, creio que eu posso offerecer-lhe o que lhe possa offerecer o melhor joalheiro de Paris.

— Está certo disso? Eu desejaria um collar de diamantes. Mas um bom collar. Quero dar a minha sobrinha um presente digno della.

— Oh, senhor! Um collar! Olhe, senhor.... Não faz quatro dias, comprei este á infeliz princeza di Pasto. Examine-o. Seu valor effectivo é de seiscentos mil francos. Mas eu lh'o vendo por quatrocentos e cincoenta mil. Uma pechincha, senhor, uma pechincha!...

O *lord* olha-o com um gesto *nonchalente*.

— Sim.... Não está mal. Havemos de ver, amigo Amalfi. Ainda não me decido. Eu queria cousa melhor, que custasse mais....

O *lord* deixa o estabelecimento de Amalfi, e este se desespera durante os dias seguintes, porque seu egregio amigo não se digna voltar a apresentar-se em sua joalheria.

Emfim, uma tarde, o illustre freguez volta á casa do joalheiro.

— Amigo Amalfi, já me decidi. Seu collar não é a joia com que eu havia sonhado. Mas você me inspira confiança, e em Paris eu seria enganado como um chinez.... Hoje é quinta-feira, não é verdade? Pois bem. Não tenho no momento os quatrocentos e cincoenta mil francos. Mas já escrevi a meu banqueiro, em Roma. Até sabbado não disponho dessa somma. Assim, portanto, sabbado pela manhã o espero no hotel....

Chega o sabbado, e com elle o joalheiro ao hotel. Vae ao aposento do *lord*. Este o recebe com seu inveterado sorriso displicente.

— Traz o collar?

— Aqui o tem, senhor.

O *lord* contempla a joia, examina-a detidamente.

— Não, não acaba de convencer-me. Mas, afinal, trato é trato.

Nesse momento, se ouve uma voz feminina, de fóra:

— Tio! tio!

O *lord* levanta-se, alarmado.

— Que ha?.... E' minha sobrinha.... Já volto.

Tem o collar na mão. Vae a um movel. Mette a joia numa pequena gaveta e fecha esta á chave.

— Esta chave, Amalfi, é muito mais complicada do que á primeira vista parece! Espere um segundo.

Sae. Passa-se esse segundo. E outro. E mais outro. E milhares de segundos. Uma hora. Duas. Amalfi impacienta-se. Manda chamar o dono do hotel. Chega este e, scientificado do que occorre, o tranquilliza.

— Mas, você está louco, Amalfi! E' um cavalheiro de toda confiança.... Além disso, não viu você mesmo onde elle poz o collar?

Mas as horas continuam desfilando. O gerente do hotel diz que o inglez e sua sobrinha sahiram do hotel, ha já algumas horas, depois de pagar devidamente a conta.

Então, se manda chamar um serralheiro, o qual abre a gavetinha do movel onde fôra collocada a joia. Ali não está o collar. Tiram o movel de seu logar, e verificam que na parede havia um buraco correspondente ao logar da pequena gaveta.

E aquella parede era a que separava os aposentos de tio e sobrinha.

CARNAVAL DE 1930
Columbia
VIVA TONAL SEM CHIADO
Peçam para ouvir os successos
em
Discos COLUMBIA
5161-B FOI SEM QUERER — Marcha (M. Amaral e M. Aguiar) — Januario Oliveira, com orchestra.
TEU QUEBRANTO — Samba — Januario Oliveira, com orchestra.
5168-B E' ASSIM — Samba — (R. Bergmann) — Ildefonso Norat e seu conjuncto.
A CASINHA QUE EU FIZ CAHIU — Samba — Ildefonso Norat e seu cojuncto.
5152-B QUE SERA' DE MIM — Samba — (H. Prazeres) — Januario Oliveira, com acompanhamento.
OLHA O PINGO — Embolada — (H. Tavares) — Januario Oliveira, com acompanhamento.
5151-B COMTIGO EU NÃO VOU — Samba — João da Gente) — J. Oliveira, com Jazz Columbia.
GOSTO — Samba — (J. M. Abreu) — Januario Oliveira, com Jazz Columbia.
5150-B MARICOTA — Marcha — (J. F. Freitas) — Januanuario Oliveira, com Jazz Columbia.
DA'-ME A AMNISTIA DO TEU AMOR — Marcha (F. Cabral — J. Oliveira, com Jazz Columbia.
5139-B DANSA DE CABOCLO — Embolada — (H. Tavares) — J. Oliveira, com acompanhamento.
O CARREIRO — Canção — (H. Tavares e O. Marianno) — J. Oliveira, com acompanhamento.
5167-B MISSANGA — Marcha — (Sinhô) — Januario Oliveira, com Jazz Columbia.
WALLY — Valsa — Januario Oliveira, com orchestra.
A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO RAMO
Distribuidores Geraes
BYINGTON & C.
Rua General Camara, 65 — Rio de Janeiro
S. Paulo — Santos — Curityba — Porto Alegre — Rio Grande — Recife
A MARCA PREFERIDA
Columbia
Rangel

KOHOUT.

Faça a conta!

São em numero de 7 por mez os dias que uma Senhora perde em seu bem-estar quando soffre de irregularidades. Cada dia de soffrimento é dia perdido, é dia que não conta para a alegria de viver.

Assim, "A Saude da Mulher" que combate e evita os Incommodos e as Enfermidades Uterinas, assegura o accrescimo de 7 dias por mez na existencia de uma Senhora.

Faça a conta de quantos annos de vida representa para uma Senhora o uso permanente do grande remedio.

ANNO XXIV

FON-FON

NUMERO 11

SERGIO SILVA, Director

Rio de Janeiro, 15 de Março de 1930

L'HABIT VERT...

«A Academia Franceza — escreveu um critico parisiense, não me lembro mais qual — é uma notavel corporação de que fazem parte titulares, ecclesiasticos, magistrados, ministros, senadores e *até homens de letras...*"» A nossa chegou quasi a ficar assim como a caveira do celebre annuncio de remedios, quando se meteu a cultuar a famosa theoria dos expoentes. Felizmente, arripiou carreira em tempo e resolveu galardoar poetas e prosadores, gente que tão pouco galardão consegue entre nós. As ultimas eleições nella realizadas são uma prova disso. Ainda agora, escolhendo o poeta Guilherme de Almeida, andou tão bem como si tivesse escolhido o romancista Veiga Miranda.

As eleições de literatos contribuem para dignificar as Academias e até para enriquecer o patrimonio de suas tradições. Com elles e não com os expoentes é que se escreve a sua historia. Quando, por morte de Ducis, Michau e Campenon disputaram sua poltrona, este disse contra aquelle, que o vencera no pleito:

Au fauteuil de Ducis ou a porté Michau;
Ma foi! pour l'y placer il faut un "ami chaud"...

O vencedor retrucou-lhe no mesmo tom:

Au fauteuil de Ducis aspire Campenon;
A-t-il assez d'esprit pour qu'on l'y campe? Non.

Estes jogos de espirito são defesos aos expoentes, coitados!

Recebido pela Academia Franceza, o grande Fontenelle exclamara:

— Ora, graças a Deus que já não ha sinão 39 pessôas no mundo com mais juizo do que eu!

A lisonja agradou aos immortaes de lá. Agradaria decerto, e muito, tambem aos de cá. O diabo, porém, é si o eleito pensa o contrario do que diz e lá no intimo o seu coração balbucia:

— Ora, Graças a Deus que já não ha sinão 39 pessôas com menos juizo do que eu!...

Si a Academia pudesse lêr nas almas dos que lhe batem á porta...

JOÃO DO NORTE

Muito animada e graciosa foi a festa infantil com que o Botafogo Football Club procurou divertir a gurizada dos seus associados, por occasião do carnaval. Lindos rostinhos, pequeninas bonecas, ostentando lindas e ricas fantasias, deram um grande realce a essa "matinée" infantil.

Os pequenos foliões do Botafogo Football Club apresentaram-se galantemente disfarçados na «matinée» infantil á fantasia com que festejaram o reinado de Papae Noel do carnaval...

Faianças

O circo de cavallinhos

Os senhores, sem duvida, não se dão á deselegancia de assistir a um espectaculo de circo de cavallinhos. Está certo. Mas si estivessem encerrados numa ilha, como Napoleão, ou Robinson Crosoé, sem relações e sem divertimento, que não seja lêr e olhar o mar, e os crepusculos de verão, juro como não desdenhariam o circo.

Uma bella chineza do Brasil, que esqueceu Budha pelo deus Momo...

O circo! Elle hoje já vae passando de moda. Depois do cinema com Greta Garbo e Ramon Novarro, berrando valsas em inglez, e das revistas de theatro, da praça Tiradentes, o circo passou a ser uma velharia — como as anquinhas e as tranças das nossas avós.

Mas, que saudade do palhaço, que gritava:

— Hoje tem espectaculo?

E o côro:

— Tem sim, *sinhô!*

Ou então:

— O palhaço o que é?

— E' ladrão de *muié!*

Bons tempos aquelles!

Pois olhem, hoje um circo, numa ilha de veraneio, é uma delicia recordat.va.

Fóra, está a garotada. A garotada ingenua, a gente da arrayameúda, que fura o panno e entra de *carona*. Mas, de mistura com ella, está a gente de relevo: melindrosas, senhoras avantajadas, na edade e no volume; os cidadãos prestimosos da terra, etc.

Dahi a pouco o circo está "au grand complet". Tem inicio a funcção. Os palhaços são tristes como Debureau.

Debureau foi aquelle palhaço celebre, que divertia a sua gente. Um d'a appareceu um sujeito melancolico, no consultorio do medico mais importante da cidade. Queria um remedio para a sua tristeza.

— Vá vêr o Debureau — aconselhou o clinico.

— Não é possivel — disse o palhaço, desolado.

E explicou então que o Debureau era elle...

Os palhaços do circo insular não têm graça porque talvez sejam como Debureau. Quem sabe? Mas, o que torna o espectaculo interessante é a platéa. Ah! a platéa é uma delicia! As piadas se entrecruzam, num esfusiar de sarcasmo e bom humor. E o interessante é que essas piadas, vindas da plebe, da massa inculta, fazem rir e nos encantam, pelo seu "à propos".

Imaginem que na comedia de praxe apparece um marquez de chapéo de palha, calça de brim, botas amarellas e frack. Frack! Imaginem que maravilha! Pois ha um gaiato que berra: "Frack, engole o marquez!"

Não é magnifico o circo de cavallinhos?

A funcção, os artistas, não têm graça. Mas, a platéa vale por todos os numeros...

Percalços do officio

Ainda tenho a esperança de que reinará algum dia uma verdadeira concordia entre a revisão e a redacção. Essa luta é velha como Gutenberg, que viveu ha cinco seculos. Inventando a imprensa, ou por outra, aperfeiçoando-a, elle fez apparecer a familia dos revisores e, consequentemente, o conflicto entre a revisão e os que escrevem.

Não sei porque é que esses corrigidores de provas typographicas mantêm essa prevenção contra os plumitivos. Sem estes, elles não teriam o que fazer, não é verdade?

Mas os nossos companheiros de trabalho são inexoraveis: elles nos querem um odio de morte.

Sim, porque de outro modo não se explicam o desinteresse e a má vontade com que lêem os nossos originaes e conferem as provas do que escrevemos.

A historia da literatura, ao que sei, só aponta um caso em que a revisão concorreu, inadvertidamente, para que um autor não fosse victima de um desastre typographico. Esse autor foi Malherbe.

Conhecem o seu caso? O poeta escreveu aquellas estrophes das rosas:

"Et rosette a vécu ce que vivent [les roses
l'espace d'un matin..."

Ora, elle escreveu: "rosette"; o typographo, por distracção, separou "rose" de "ette". O revisor emendou então:

Et, "rose", "elle" a vécu ce que [vivent les roses
l'espace d'un matin".

Malherbe achou a corrigenda magnifica. Felicitou o revisor pelo seu erro. E, desde então, os celebres versos correm mundo, maravilhosamente harmoniosos, bellos, elegantes, graças ao descuido do homem das provas.

Mas, a esse respeito, é só o caso que conheço. O revisor só emenda o que escrevemos, para demonstrar a sua competencia e a sua supe-

rioridade. Si não fossem elles, quanta tolice não escreveriamos? Argumentam. Talvez tenham razão. Mas quando são elles que erram, e a culpa recáe sobre o escriptor, elles se sentem radiantes.

Sou uma victima constante dos revisores. Aliás todos nós: o Gustavo, o Capistrano, o Elcias, o Poppe... Todos emfim! Mas não adeanta chorar... Porque dizem: "A culpa é do linotypista". O linotypista affirma: "A responsabilidade é do revisor".

Em nossa cabeça é que o leitor põe as orelhas que Apollo collocou na do rei Midas...

Isso tudo vem a proposito dos versos de Gil Francisco, publicados nesta pagina, e completamente desvirtuados pela revisão. Vamos ver si desta vez elles podem ser reproduzidos de accordo com o original. Valei-me Nossa Senhora da Conceição!

INDIZIVEL ANGUSTIA

GIL FRANCISCO

Ver-te é soffrer; porque, em te vendo, vejo
Que nada sou para o meu doce amor;
Mas de te ver é tanto o meu desejo,
Que a te não ver prefiro a minha dôr...

E vou vivendo assim, crucificado
Entre extremos, que me são fataes:
Ou te ver e sentir-me desgraçado,
Ou não te ver, soffrendo muito mais!

Ver-te é sentir olhos indifferentes
Pousando sobre os meus em agonia:
Mas, se me faltam elles, por ausentes,
É como se faltasse a luz do dia.

Vê tu quanta irrisão neste meu fado,
Ironias que são como punhaes:
Ou te ver, e sentir-me desgraçado,
Ou não te ver, soffrendo muito mais...

Mas quem é Gil Francisco? Um poeta que morreu depois de ter recebido um diploma de bacharel em direito, diploma esse que elle guardou num canudo de lata, humido e escuro como a sua vida...

Tedium vitae

Jacques Normand já propoz que se creassem as "Ecoles d'ennui". Para que? Diz elle: "Pour apprendre aux enfants a savoir, quand ils seront hommes, s'ennuyer en société sans en avoir l'air".

Na verdade, é difficil um cidadão que está mal humorado, disfarçar o seu aborrecimento. Por mais que se queira, não conseguimos disfarçar o nosso tedio.

Si alguem nos fala, nos faz uma pergunta innocente, respondemos com visivel má vontade.

Por que? Porque não temos a educação de saber disfarçar em sociedade aquillo que nos enféza

Os que nos rodeam, nada têm com a nossa crise de alma e com o "tedium vitae" que nos alaga. Mas, irresistivelmente, arremettemos contra aquelles que muitas vezes ignoram o estado do nosso cerebro, da nossa alma e dos nossos nervos.

Póde-se dizer que essa falta de elegancia social é inherente ao intellectual. Quantos homens illustres não deram mostra dessa aspereza de attitudes?

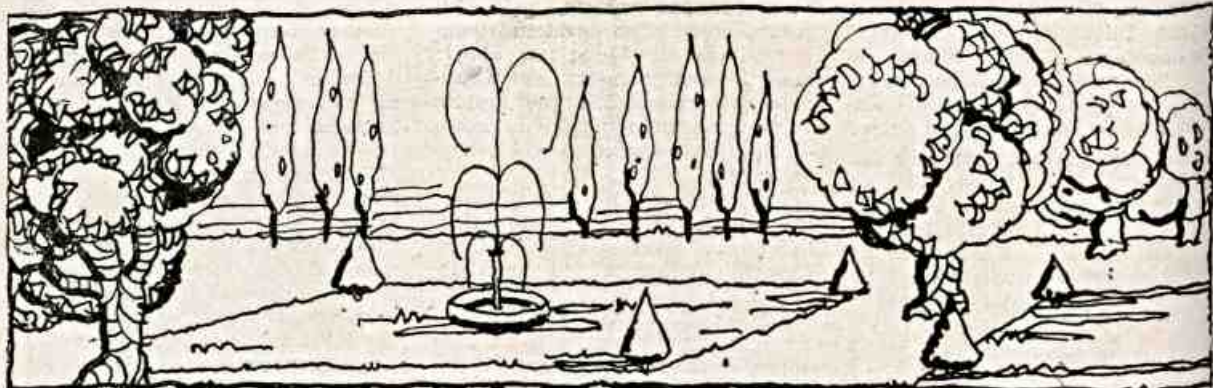
Barbey d'Aurevilly era conhecido pelo seu formidavel orgulho e o seu constante mau humor. Gerard de Nerval acabou num hospicio. Oscar Wilde era intratavel. Apesar de ser um estheta. E Anatole France? Este chegava a dizer: "Não tenho illusão alguma sobre os homens, e para não odial-os, desprezo-os". Victor Hugo era outro cavalheiro irritadiço.

Emfim, a lista seria numerosa, si fossemos apontar os intellectuaes mal humorados, irasciveis e neurasthenicos.

Confesso, por mim, que necessito de fazer um esforço sobrehumano para não explodir em certas occasiões, no destempero dos meus nervos exacerbados.

Principalmente si a segunda-feira se me depara assim nebulosa, cheia de brumas e melancolia, numa expectativa eriçada de interrogações e reticencias.

Mas não tenham susto: eu me saberei conter. E a prova é que lhes offereço este meu pequeno sorriso de sympathia...

— Vou entrar na folia! Evoé!

JARDIM ABERTO — D. Jayme

RAINHA DE SABÁ

Minha Rainha de Sabá!

Espero-a todos os dias, ardentemente, como Salomão esperava Balkis.

Desejo-a cada dia mais. Perfumo minha alma a todo instante para recebêl-a.

Custa a vir e vem como a aurora. Parece, então, que gritam aos meus ouvidos os arautos antigos:

— Rei dos Reis, a Rainha de Sabá, a rainha do Sul e da Manhã, já está á vista de tua tenda!

E eu, como á Sulamita fez David, estendo-lhe sob os pés divinos, qual um tapete sumptuoso, a minha alma florida...

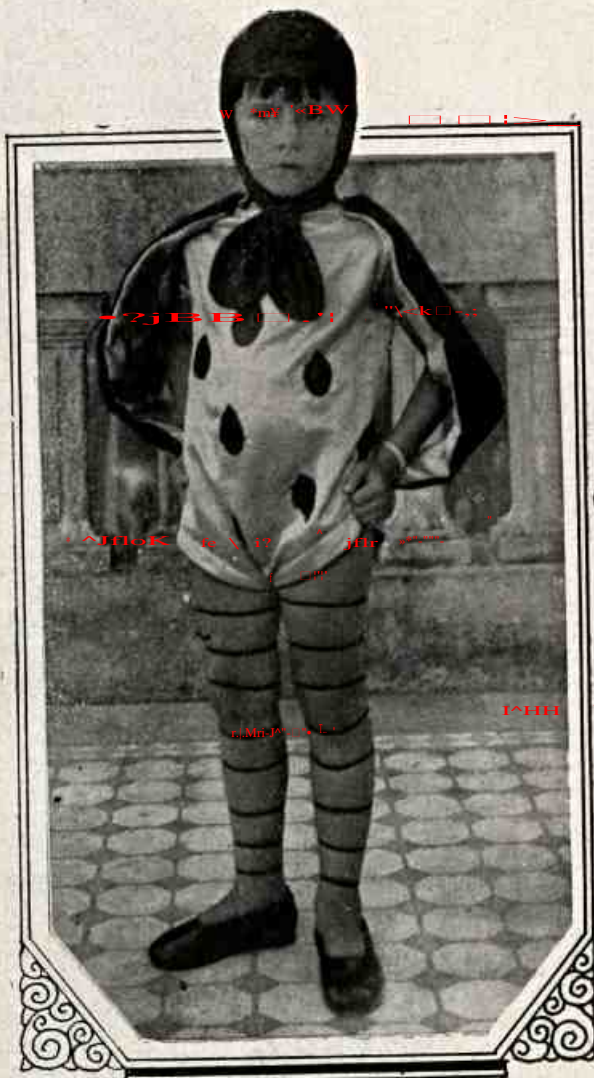
* * *

Teu amor, ó Rainha! é revolto como o mar. Devorará elle os pescadores de sonhos?

* * *

Teu amor, ó Rainha, é revolto como o vento. E, como o vento, tem caricias de sêda...

* * *

Dansa para mim, Rainha. Só para mim. A dansa vertiginosa do sol. A dansa compassada da lua. A dansa immovel da morte. E a dansa do Amor que se dansa com os cilios e com os braços, com o corpo e com a alma.

Dansa, Rainha, a dansa do Amor, só para mim!

* * *

Teu amor, ó Rainha, é quente como o fogo. Elle purifica, mas queima...

* * *

Teu amor, ó Rainha, é luminoso como o sol. Porém, quando se occultar, deixará por tudo a mais espessa e humida das trevas...

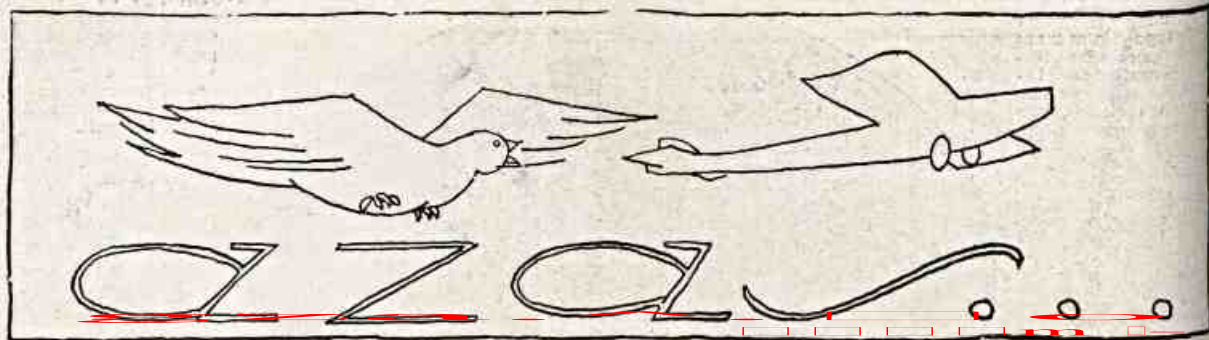
* * *

A tua pelle copia o luar e sobre ella os meus beijos galopam como os corceis dos beduinos do deserto. E o teu corpo inteiro estremece ao ardego correr desses palafrens até que a minha cabeça repousa sobre a alfombra do teu collo...

* * *

Rainha de Sabá, que os arautos nunca annunciem o dia do teu regresso!...

Haroldo, filho do casal Americo Coelho da Costa, que, pela sua attitude, foi o «clou» do baile infantil do Club de Regatas Botafogo, embora appareça alli fantasiado de pinguim fugido das regiões polares... O pequeno Haroldo demonstra que, como folião, precisa ser respeitado...

O Club de Regatas Botafogo tambem offereceu uma linda «matinée» infantil aos filhos dos seus associados, que tiveram uma linda tarde carnavalesca na segunda-feira gorda. Aqui estão varios flagrantes dessa guizalhante e alegre mascarada infantil.

EVAS DE HONTEM E DE HOJE

Ha algo de comico e de majestosamente bello no gesto de protesto de respeitavel senhora ingleza que, de guarda-sol aberto, na praia de Paington, se poz, destemerosamente, á frente de um grupo de lindas banhistas que a machina de um operador estava prestes a filmar.

“Não approvo essa nudez. Aqui estou e aqui estarei em defesa da moral e desafio a que continuem a filmagem!” — bradou a veneranda e débil senhora, que era apenas a irmã do juiz local, mr. Macauley.

E, porque as moças estivessem realmente quasi núas, é que ella, em nome da decencia, ergueu o seu protesto contra aquella “immoralidade”.

O facto, como se poderá prever, occorrido num local de intenso movimento, despertou a attenção geral e, dentro de pouco, era enorme a multidão de curiosos a observar aquella extranha scena: um grupo de beldades, de Evas modernas, em trajes de banho, quasi paradisiacos, e, altiva e serenamente, interposta entre ellas e o operador da filmagem, Eva á antiga, já velhinha, numa legitima attitude de revolta contra aquelle despudor, que a fizera corar de... vergonha e de indignação!

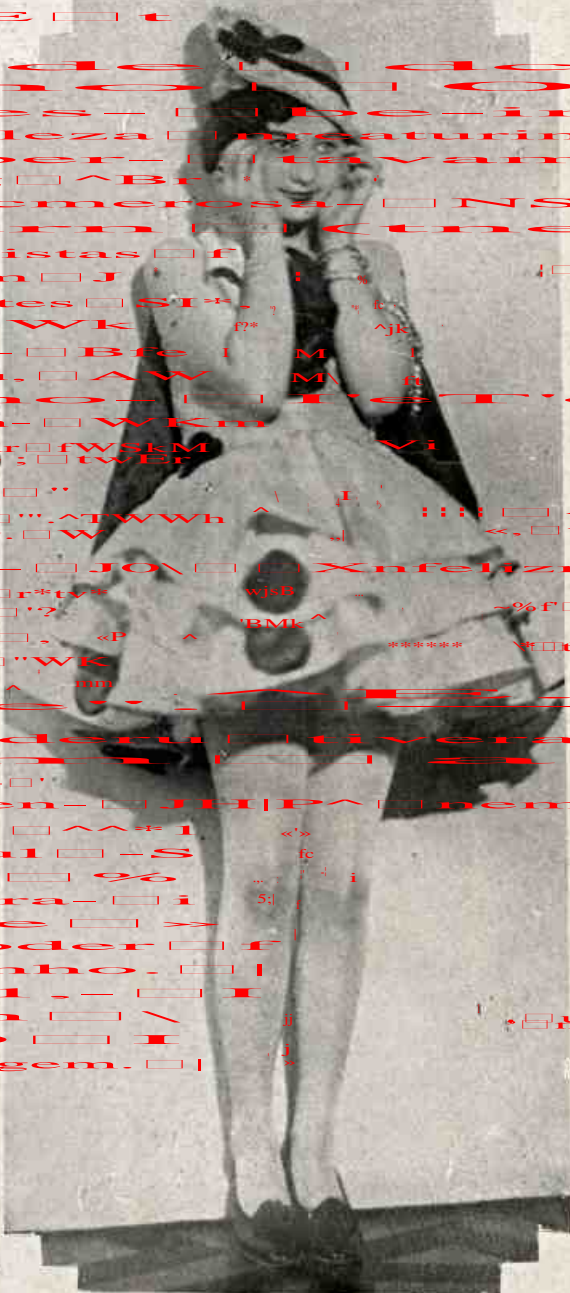
O sangue subiu tambem ás faces das lindas creaturinhas que ali estavam a exhibir suas plasticas deslumbrantes. Não pensem, porém, que lhes tingiu o rosto a rosa vermelha do pudor. Por que — a indignação, a raiva de se verem privadas do prazer de serem filmadas adoravel e encantadoramente semi-núas, é que lhes fez ferver o sangue. Tanto, que ainda pensaram de combinação com o operador, em expulsar a “intrusa”, a casmurra Eva de outros tempos!

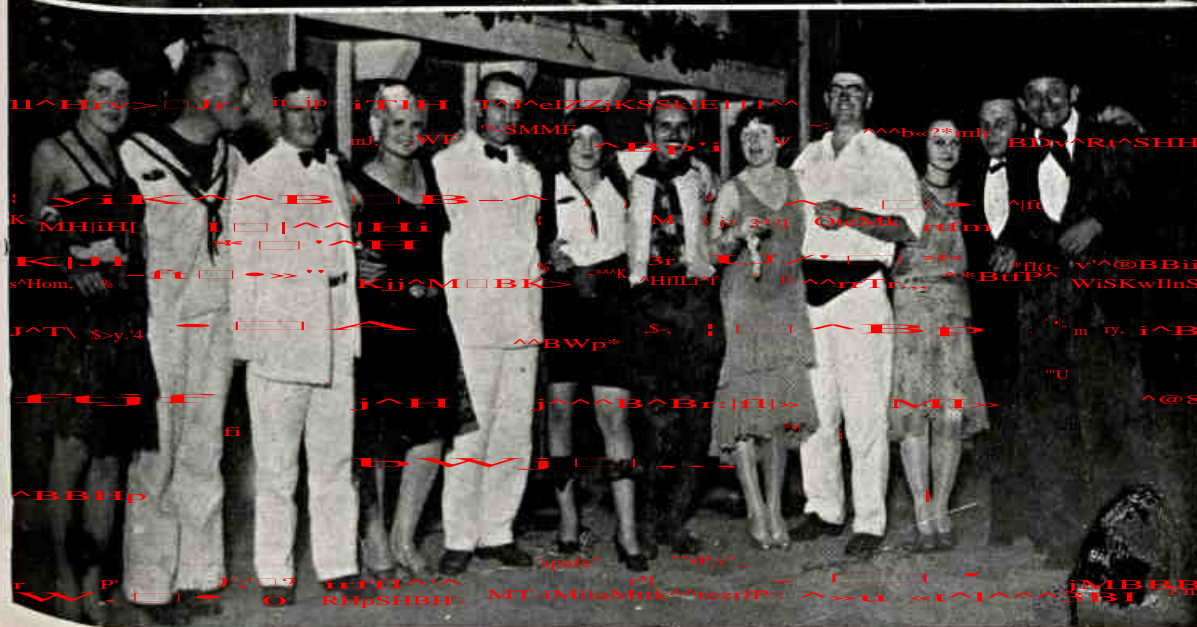
Infelizmente ella era a irmã do juiz de Paington, figura sempre prestigiosa e temida na Inglaterra.

E, desapontadas, ellas — as Evas modernas — tiveram de se resignar a não ver suas plasticas exhibidas nos cinemas de Paington, mesmo já receiosas da attitude da multidão que estava a apoiar as moralizadoras argumentações da anciã.

Aqui, entre nós, como teria repercutido o facto?...

Bem que precisamos de uma meia duzia de senhoras Macauley nas nossas praias de banho...

ICARO.

Mlle. Graça Machado de Oliveira, filha do casal Roberto de Oliveira, fez, com a sua mocidade, a sua belleza e a sua graciosa fantasia, um grande successo no carnaval.

O baile de carnaval do Country Club, realizado na noite de domingo gordo, resultou numa festa de grande brilho e offereceu os mais bizarros aspectos, pela originalidade das fantasias e pela animação reinante nos salões da séde da avenida Vieira Souto.

O ministro da Tcheco-Slovaquia e sua exma. senhora, commemorando o 80.º anniversario natalicio do presidente Masaryk, deram, a 7 do corrente, na séde da legação de seu paiz, recepção ao mundo official e diplomatico e á nossa alta sociedade.

SABER VIVER...

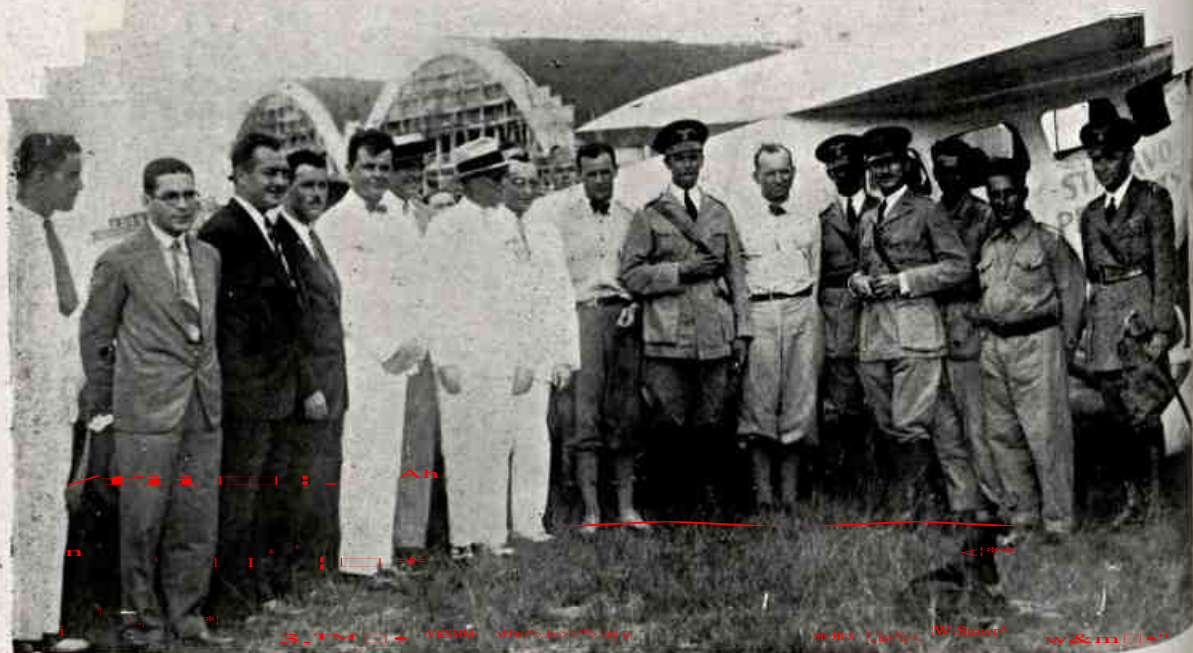
O condado de Londonderry commemorou festivamente o centesimo quarto anniversario do reverendo Hugh Mc. Entyrre Butler, de Maggligan, e ali existe a convicção de que os sacerdotes vivem mais do que os outros homens.

E citam factos para fazer valer a verdade: Pio IX morreu aos 86 annos, Pio VII aos 83, Benedicto XIV, 83, Pio VI, 82. Um rosario de vidas preciosas.

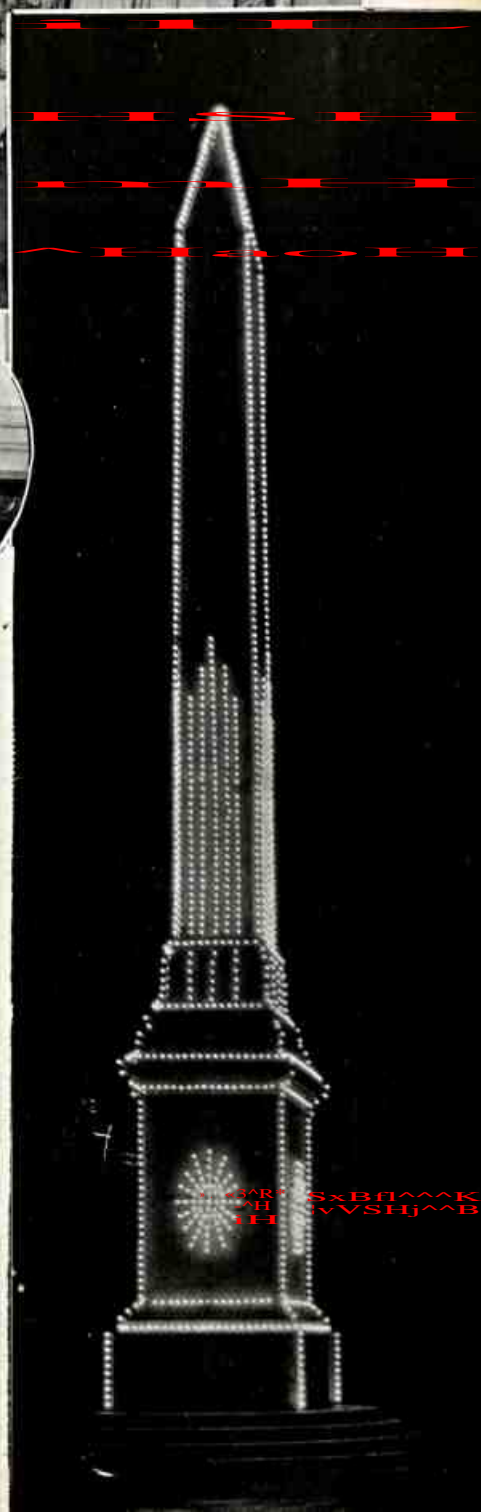
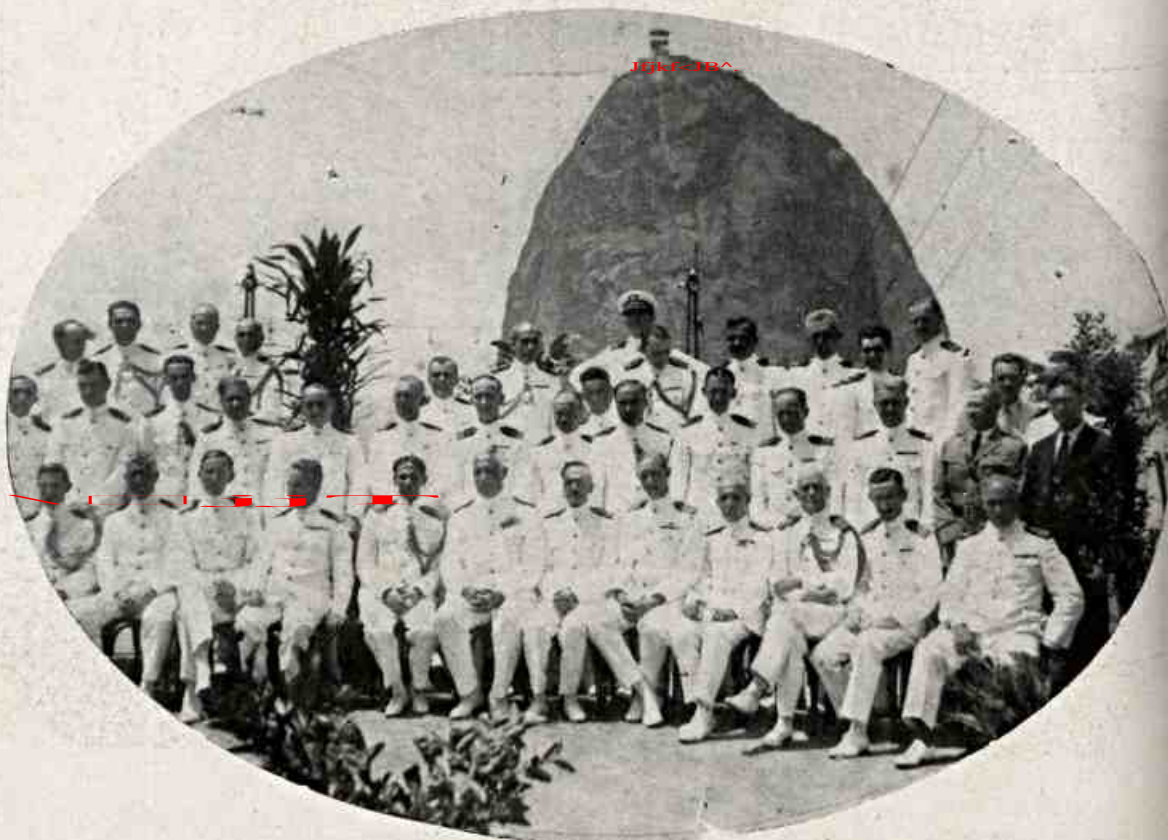
Na realidade, os sacerdotes gozam de longa vida e isto se explica facilmente.

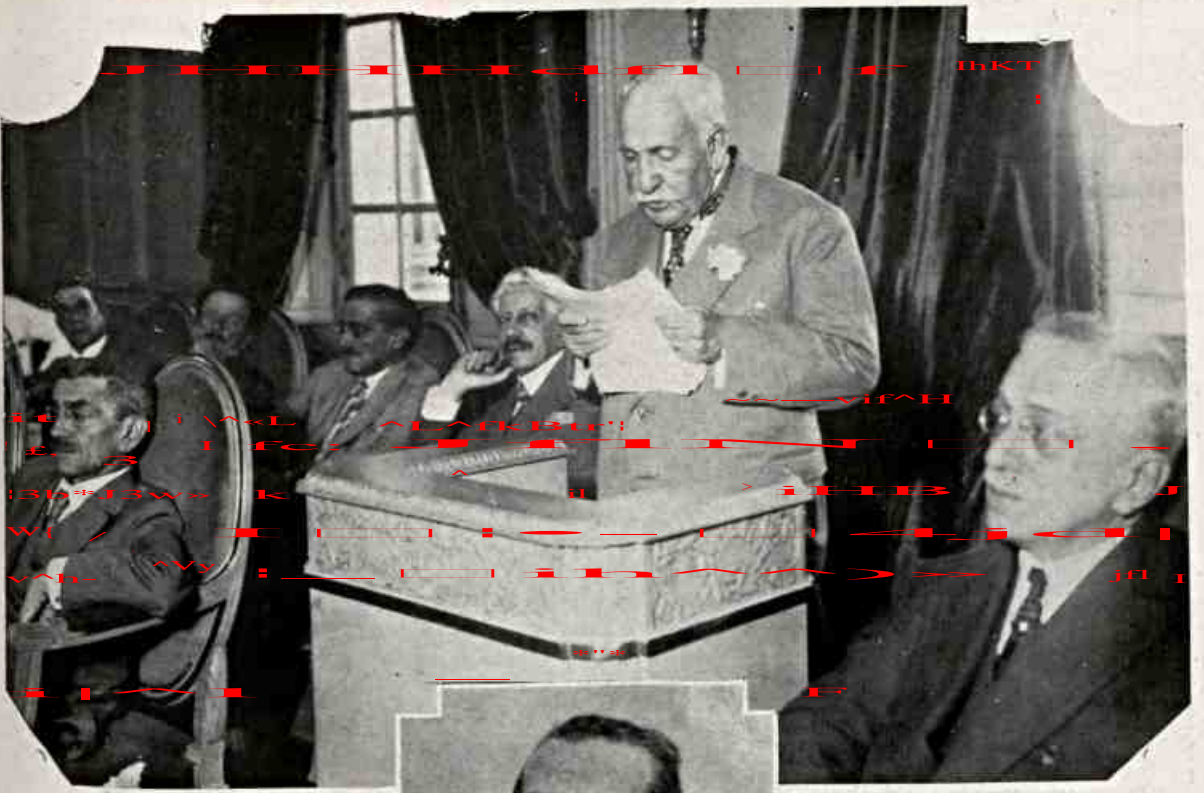
Porque nenhuma outra profissão é tão suave, uma vez que os sacerdotes ganham a vida consolando as almas, espargindo o bem, num ambiente calmo, socegado.

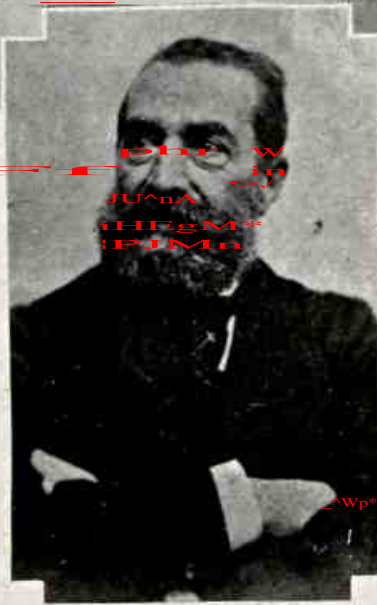
Aos homens de outra profissão acontece justamente o contrario: lutam em terreno aspero, num ambiente de interesses mal contidos.

Viver todos vivem; saber viver é que são ellas...

Grupo tirado no Campo dos Affonsos, momentos após a chegada dos aviadores americanos White e Mac Mullen, que, sob o patrocinio da Foreign Advertising e Service Bureau, Inc, conhecida agencia de publicidade, acabam de completar o «raid» Nova York-Buenos Aires-Rio, batendo todos os «records» de velocidade conseguidos nesse percurso.

O anniversario da Avenida

A Avenida Rio Branco engalanou-se, sabbado ultimo, para festejar o 26.º anniversario do inicio das obras de sua abertura. A grande e nobre arteria, que é, hoje, o coração da Cidade Maravilhosa — a marcar o rythmo largo e profundo da sua vida, do seu progresso, da sua civilização — recebeu, naquelle dia, as homenagens mais expressivas da população carioca, que a encheu de bandeiras e galhardetes, illuminando-a festivamente, e prestando aos executores de sua abertura ao trafego publico significativos e tocantes tributos de apreço. Além das commemorações levadas a effeito pela Associação dos Empregados no Commercio, por iniciativa do dr. José Valentim Dunham — um dos obreiros da Broadway carioca — realizou-se, no Club de Engenharia, imponente sessão solenne em honra da engenharia nacional e, em particular, do dr. Paulo de Frontin, sob cuja direcção se fizeram os trabalhos da "sala de visitas" da capital do Brasil. Esta pagina focaliza alguns aspectos daquella sessão, vendo-se a mesa que a presidiu, e o homenageado entre varias personalidades de relevo, bem como, ao lado, o obelisco illuminado da Avenida.

O sr. ministro da Marinha, almirante Pinto da Luz, offereceu, segunda-feira, na Urca, um almoço ao commandante e officialidade do "Salt Lake City», o cruzador norte-americano que neste momento visita o Brasil. Em seguida, os nossos illustre hospedes foram, a convite do ministro Pinto da Luz, ao Pão de Assucar, de onde apreciaram o imponente panorama da cidade.

O illustre casal norte-americano C. H. Comstock, que se acha em visita á nossa capital, foi, na tarde de segunda-feira, expressivamente homenageado no Country Club, onde se realizou uma brilhante festa de arte em sua honra. Tomaram parte nessa reunião, além da senhora Comstock, que tem uma bellissima voz, a jovem e applaudida pianista senhorita Maria Letitia Hanms. A senhora Comstock fez-se ouvir especialmente para o «Women's Club of Rio de Janeiro», de que é presidente a senhorita Bertha Lutz.

O Centenario de João de Deus

João de Deus, o lyrico suavissimo, cuja memoria o mundo literario brasileiro e portuguez acaba de relembrar, commemorando o centenario do seu nascimento, é, talvez, um dos poucos poetas cuja vida artistica correu em parallelo absoluto com a existencia individual. Aquella purissima inspiração dos seus versos singelos era a sua propria alma, sem sombra de ficção, a espelhar-se em nitidos contornos. Elle foi o mestre inconfundivel do «Campo de Flores», a bondade sem refolhos, a graça e a belleza naturaes, arrancada para a musica dos seus versos da natureza ridente que o cercava. E quando, por acaso, os homens pretendiam amargurar-lhe a existencia, elle se refugiava, como Jesus, no seio dos pequeninos, que tiveram no seu coração e na sua intelligencia o melhor e mais doce amparo. João de Deus foi tão grande quando escreveu o seu «Campo de Flores», como quando traçou as paginas singelas da «Cartilha Maternal». O Brasil, pelo seu máximo expoente de cultura literaria — a Academia de Letras — prestou á memória de João de Deus imponente homenagem publica, falando os academicos Silva Ramos e Affonso Celso. Outras associações portuguezas e brasileiras commemoraram, em sessões solennes, o centenario do nascimento do eminente poeta portuguez. Illustram esta pagina dois aspectos photographicos da homenagem da Academia de Letras á memória de João de Deus, e o ultimo retrato do grande poeta.

LENTEJOULAS

Triste Poesia.

Emquanto aguardava um novo martyrio, bebendo pelos teus olhos um pouco da tua serena coragem, ia dizendo da minha magoa sem remedio, da magoa de ser sempre um motivo de pesar para os que me cercam, da magoa de lhes causar tanta magoa e da dôr cruciante de me ver impotente para remediar esse mal. Eu que daria a vida para fazel-os, a todos, felizes!

— Isso é Poesia!... disseste, com um sorriso triste que me poz uma lagrima de fogo dentro d'alma.

— Triste Poesia!... —

murmurei apenas e quedei num longo mutismo, anhelante, para calar a minha dôr, que explodia em tumultuoso pranto.

Ouvi, então, olhos fitos no céo, olhos alagados de lagrimas, que murmurava meu nome numa doce-numa branda, numa terna admoestação.

E o milagre divino da tua voz, meiga, transformou minha magoa em resignação!

E o raio de luz divina dos teus olhos illuminou de graça a minha "triste Poesia"! Bemdito sejas! Bemdito sejas!

Baroneza de Brancc[illegible]

A petizada do Gavea Sport Club festejou o carnaval com uma linda «matinée» á fantasia, onde os guizos de Momo vibraram na alegria infantil da tarde rutilante.

Por quê?

Por que é que não sou feliz,
Si lhe quero tanto bem,
E sempre você me diz
Que gosta de mim tambem?...

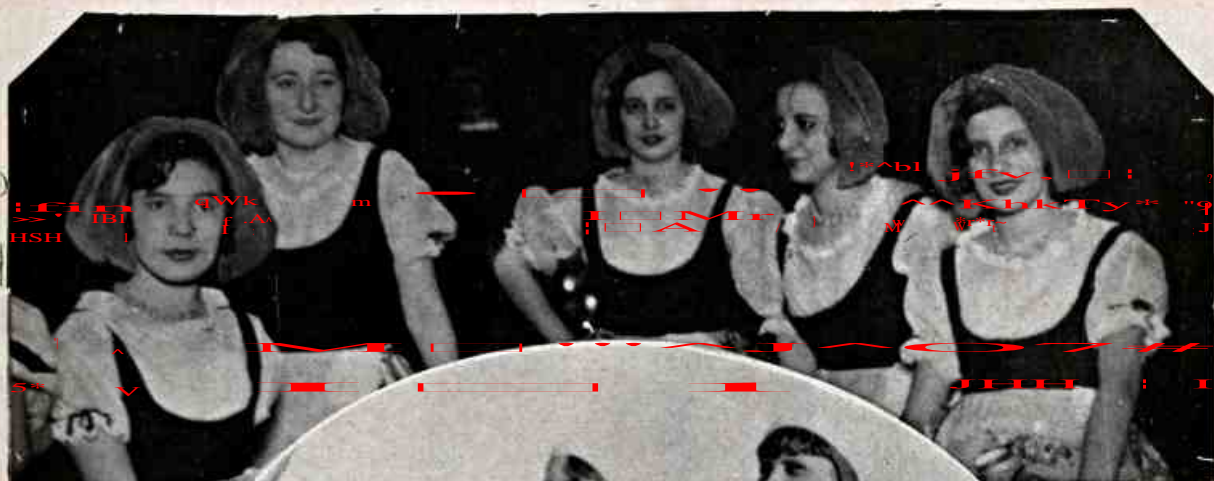
Será que a felicidade
Não se compõe só de amôr,
Como tambem a saudade
Não é feita só de dôr...

Toda a culpa, na verdade,
Cabe á minh'alma-creança,
Que é tão rica de saudade,
Que é tão pobre de esperança...

J. Ventura Martins

Momo teve as honras de uma festa fidalga e encantadora, na segunda-feira de seu reinado de folia, com a recepção que o illustre cavalheiro, coronel João Baptista Lopes, conhecido banqueiro e capitalista cearense, offereceu ás pessoas de seu distincto circulo de relações, no luxuoso palacete de sua residencia, em Santa Thereza, nesta capital. Foi uma festa de elegancia e de intensa e communicativa alegria, como se poderá ver das interessantes gravuras que illustram esta pagina.

Tres dias apenas. Mas são tres dias, esses de Momo, que compensam todos os desprazeres de um anno. E, para isso, o carioca (e as cariocas tambem, já se vê...) põem de lado tudo quanto é preconceito, conveniencia, «pôses» e «attitudes», para dar largas ao coração. As «pôses» e as "attitudes», são necessarias á compostura grave dos dias burguezes do anno, ficam para a quarta-feira de cinzas. «Le mot d'ordre» é brincar, rir e galhofar. Evoé! Viva Momo e etc. e tal... — E' essa a suggestão que se recebe, deante destes lindos sorrisos, destas carinhas lindas, que fizeram o encanto do côrso na Avenida e agora embellezam esta pagina.

Uma pagina interessante. Ella se presta a uma parodia de "Na Pavuna»: «Na Avenida tem um côrso que só dá gente engraçada».... O escriptor Berilo Neves, que ahi se vê, «travestido» de marj-nheiro.... de primeira viagem, foi quem nos suggeriu esta legenda...

Lindas, não são? Cada uma dessas cabeças é de certo uma tentação irresistivel. E como ellas revolucionam os corações mais frios, a gente só tem desejo de reagir gritando, como na canção: «Dá nellas»

Outros flagrantes do córso carnavalesco deste anno. Como se vê, não ha ninguem triste nesta pagina.

Balcão Florido

FOLHAS SECCAS

Saudade...

Saudade de que, essa que, neste momento, agita os rythmos de meu coração, numa palpitação de azas inquietas, e faz descerrar, ante as minhas pupillas verdes, cheias de recolhimento, o velario do Passado?

Perfume de folhas seccas, saudade, minha saudade não sei de que — para que essa ronda de recordação a que me arrastas doce, carinhosamente?

No ambiente de penumbra, de crepusculo, em que me envolves, agitam-se vultos amigos, sombras queridas, e o éco longinquo das vozes e das coisas de um outro mundo, de um mundo em

que vivi, ha tantos annos já, chega até mim num tremulo de cordas gementes de violino.

Saudade!

Minha inquietação interior serena, a pouco e pouco, e a paz mystica, religiosa e consoladora das grandes recordações, carinhosamente evocadas, acolhidas e sentidas desce sobre minha alma, e espalha em derredor de mim o perfume das espiraes de myrrha e de incenso com que a pyra votiva e ardente de meu coração impregna todo o meu mundo interior.

Tua carta... Como te enganavas suppondo que já não vivias na minha saudade! O mesmo traço, a mesma linha fidalga, fina, o mesmo talhe harmonioso a reflectir a harmonia de toda a emotividade de teu ser... Não mudaste, não: tua alma é ainda a mesma alma serena e nobre que eu conheci. Teu coração, esse é que já não é o coração que foi meu, tão só e exclusivamente meu...

E se elle já não era meu, por que vieste levantar a poeira do passado para dizer-me que nem sempre "nossas almas são um continuo amor e um continuo adeus", como eu, um dia, escrevi? Porque? Para que?...

Ella parece exclamar:
— Não estou encantadora?

"Se volvesses teus olhos verdes para um ponto não muito longinquo do teu passado, um vulto de mulher, que muito te amou e que te... ama ainda, talvez te pudesse fazer crer que um grande e profundo amor pode sobreexistir á angustia mesma da sua desillusão, vencendo as forças dominadoras e destruidoras do sonho que despertou, da felicidade que prometteu e não realizou, para viver só, e tão só, da saudade que deixou. E eu te amei com um amor assim, infinito no espaço e no tempo."

Tua carta agita-se nas minhas mãos inquietas, trémulas de enternecimento, cheias da tua saudade. Porque, tambem eu nunca te esqueci, nem

mesmo depois que te perdi, depois que juraste a outro a fé do teu amor...

Para que recordar?

Nossas almas, *nel mezzo del camin* da estrada de Damasco do amor em que florio a nossa mocidade, separaram-se — ellas, que marchavam tão juntinhas — e, divergentes, tomaram o estranho rumo de duas parallelas que nunca mais se encontrarão... senão em pensamento.

Saudade... Abençoada saudade, perfume de folhas seccas da floração de primavera que foi, um dia, a alegria e a festa do jardim de sentimento dos nossos corações...

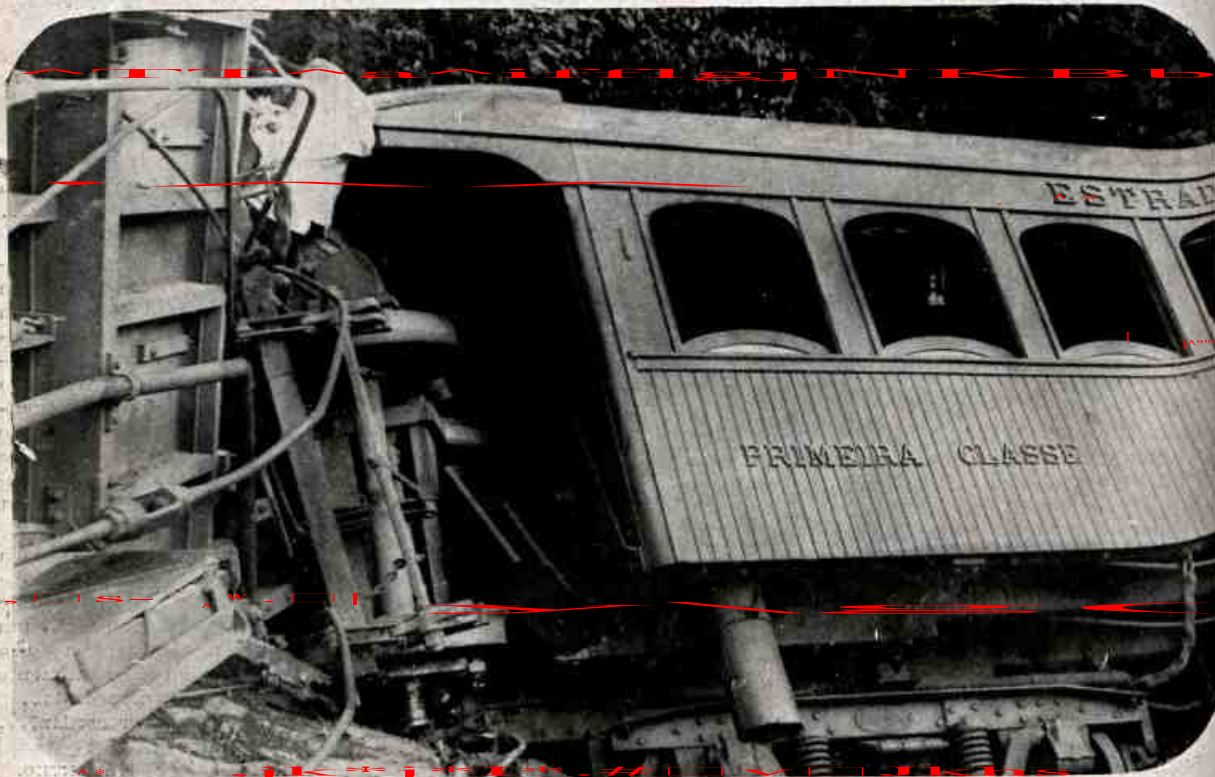
Para que recordar?...

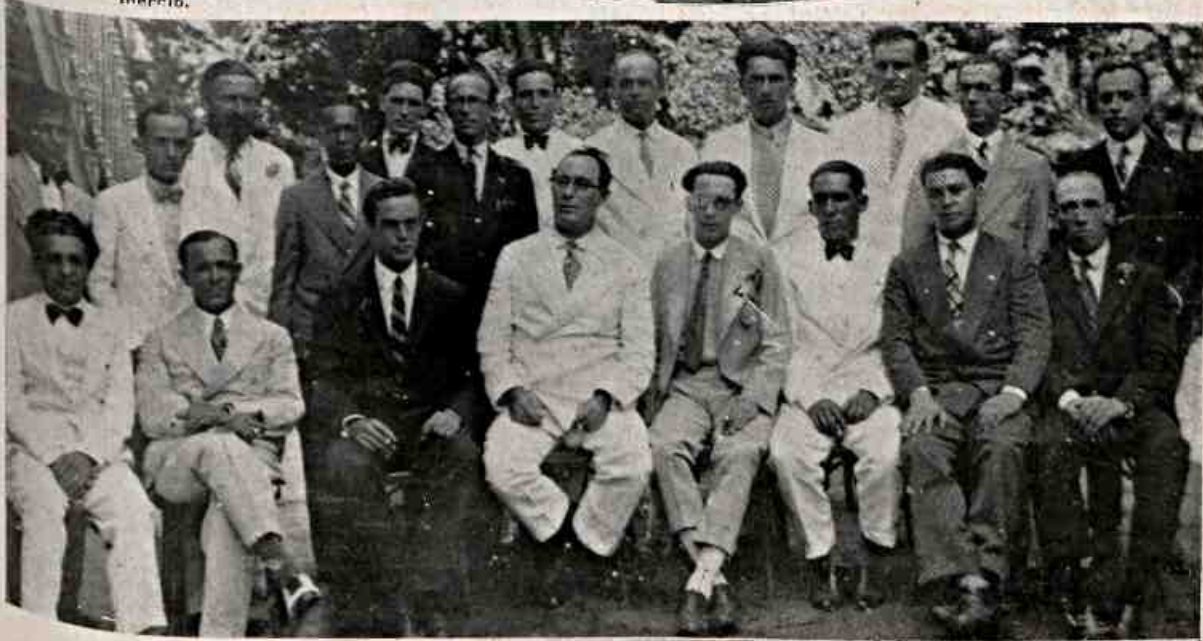
HELIANTHO.

O Desastre de Therezopolis

E' impossivel conter a dôr em que se nos contorce o coração, deante dessa catastrophe que vem de enlutar a alma carioca, para não dizer a nossa sociedade.

O desastre da Serra dos Orgãos não póde ser narrado, nem descripto com o seu verdadeiro colorido. O seu colorido tragico. Mas póde ser comprehendido, na sua dramaticidade, na sua dolorosa extensão, pelos quadros sinistros, pelas visões horripilantes, pelas scenas tetricas que nos suggerem estas paginas. Aqui está demonstrado, pela eloquencia da documentação photographica, o que foi esse sinistro de proporções impressionantes. De um comboio, onde antes reinava a alegria mais sã, dado o ambiente de cordialidade, confiança e despreoccupação em que se encontravam os que ali viajavam, resta esse montão de ruinas. Ruinas que são a imagem da desgraça, da tristeza, do luto e da morte.

A todos aquelles que directa ou indirectamente se viram attingidos pelo horrendo desastre levamos a expressão do nosso pesar e da nossa solidariedade mais estreita.

A morte tragica de Jorge Py — uma das victimas da emocionante catastrophe de Therezopolis — teve a mais dolorosa repercussão nos circulos sportivos desta capital, onde o notavel «back» do Fluminense F. C. gozava de largas e geraes sympathias. Esta pagina focaliza um aspecto do enterro do saudoso "sportman» e outro do local do desastre, onde elle succumbiu quando procurava salvar a vida a um ancião, e estampa-se ao centro, uma de suas ultimas photographias.

A União dos Empregados do Commercio promoveu, domingo passado, no local de seu Hospital-Sanitorio, na Tijuca, uma festa campestre, em honra das delegações das associações dos empregados no commercio dos Estados, que presentemente nos visitam. Essa festa constou de um almoço, precedido de missa solenne, celebrada na capella do futuro hospital por monsenhor Mac Dowell. Foi uma bella reunião de confraternidade, na qual tomaram parte, especialmente convidados, representantes de todos os jornaes e revistas desta capital. Esta pagina focaliza aspectos da festa de domingo da União dos Empregados do Commercio.

NESTE mundo "simplificado", artificial, alterado e conscientemente falseado — como dizia Nietzsche — o homem contemporaneo vae passando pela vida "em branca nuvem", sem... viver, sem deixar atraz de si o rastro luminoso dos heroes, a divina aureola dos santos ou os louros e as palmas que sagram, ad immortalitatem, os eleitos da intelligencia.

* * *

A febre, a agitação, a vertigem da vida moderna fez tabua raza de tudo: do homem e do seu valor como expressão da actividade turbilhonante dos dias que correm.

* * *

Excepcionalmente, um ou outro espirito superior consegue sobrepôr-se aos demais, dando á sua individualidade relevo mais ou menos accentuado. Para os mais, para o grosso — a craveira commum da mediocridade. E' a pura standardização no terreno mental, nos dominios de actividade da intelligencia, que vem abrindo essa especie de campo raso, de valla commum para os que vivem da "scentelha divina".

* * *

E' preciso, hoje, para que ainda possamos sentir a vida, — nós os que temos a obrigação de comprehendel-a atravéz das suas multiplas manifestações e reflectir-lhe os aspectos e os matizes mais bizarros — fazermo-nos um mundo á parte, uma vida extra, abstrahindo-nos inteiramente do grosso da humanidade tumultuosa e tumultuaria. Porque a vida, de um modo geral, se torna cada vez mais anti-natural, cada vez mais artificial e artificiosa...

* * *

Não sei se me comprehenderão. Em materia de philosophar, jogo

Uma tricana ou uma minhota? Apenas uma carnavalesca...

sempre com paradoxos. Porque só escudado num ou mais paradoxos poderá o homem explicar-se a si proprio e enfrentar e mais ou menos decifrar o millenario paradoxo da vida em si, da coisa em si, etc., etc.

* * *

Por que, porém, estas considerações... tão fóra de proposito? — dirão os meus leitores:

Por uma nadinha, uma tolle preguiça, preguiça de escrever a esta chroniqueta, de chegar ao alto-falante e dizer para todos os que ainda se dão ao trabalho e á gentileza de me ler e ouvir: "Senhores, a vida é uma droga: é um pirolito cheio de pedacinhos de amargura, e eu, hoje, pour cause, amanheci pelo avesso de mim proprio. E sempre que me sinto pelo avesso dou para philosophar — ou, melhor, para dizer bobagens, coisas sem nexo, palavras sem pé nem cabeça."

* * *

Não, indiscutivelmente, hoje não estou nada á ma façon marlindiana... sinto necessidade de solidão, de recolhimento, de paz, de absoluto isolamento. E toda vida solitaria é intensamente profunda, porque vivida momento a momento...

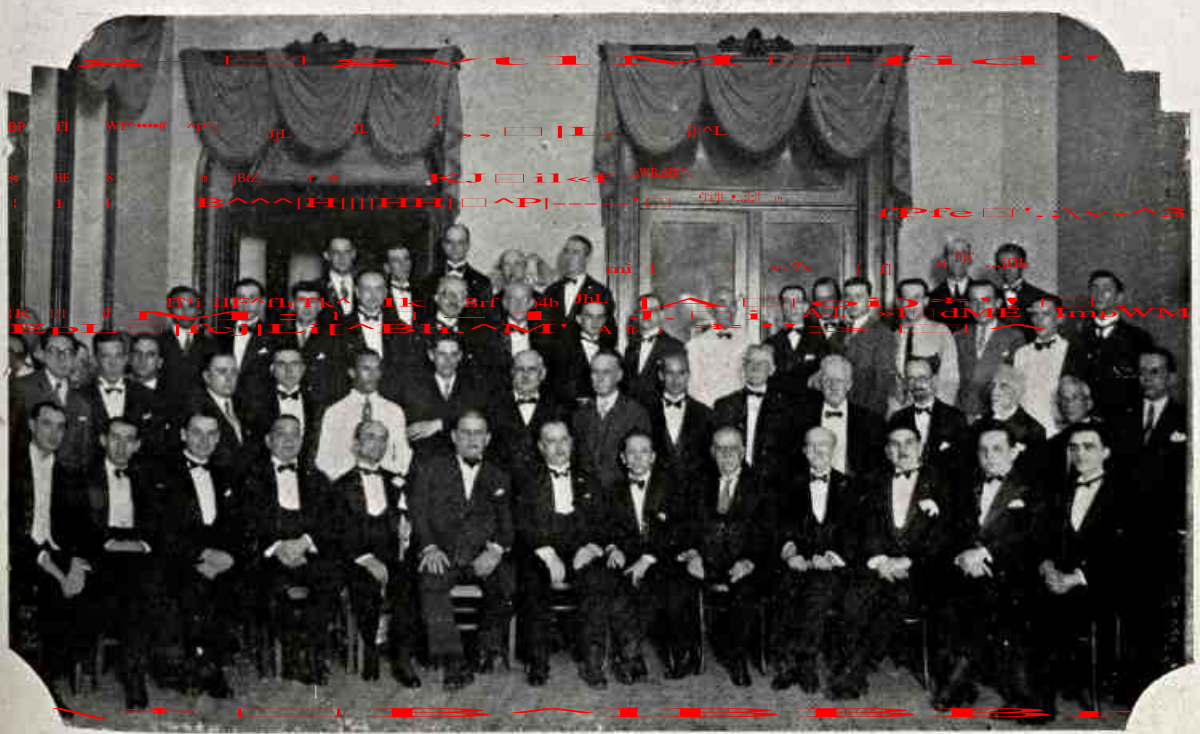
* * *

Mas, para viver só — disse Aristóteles, — é preciso que se seja uma besta ou um deus. Pode-se a que Nietzsche accrescentou: ou um philosopho, que é tudo aquillo ao mesmo tempo.

E ahi está como um desejo de solidão faz um homem philosophar...

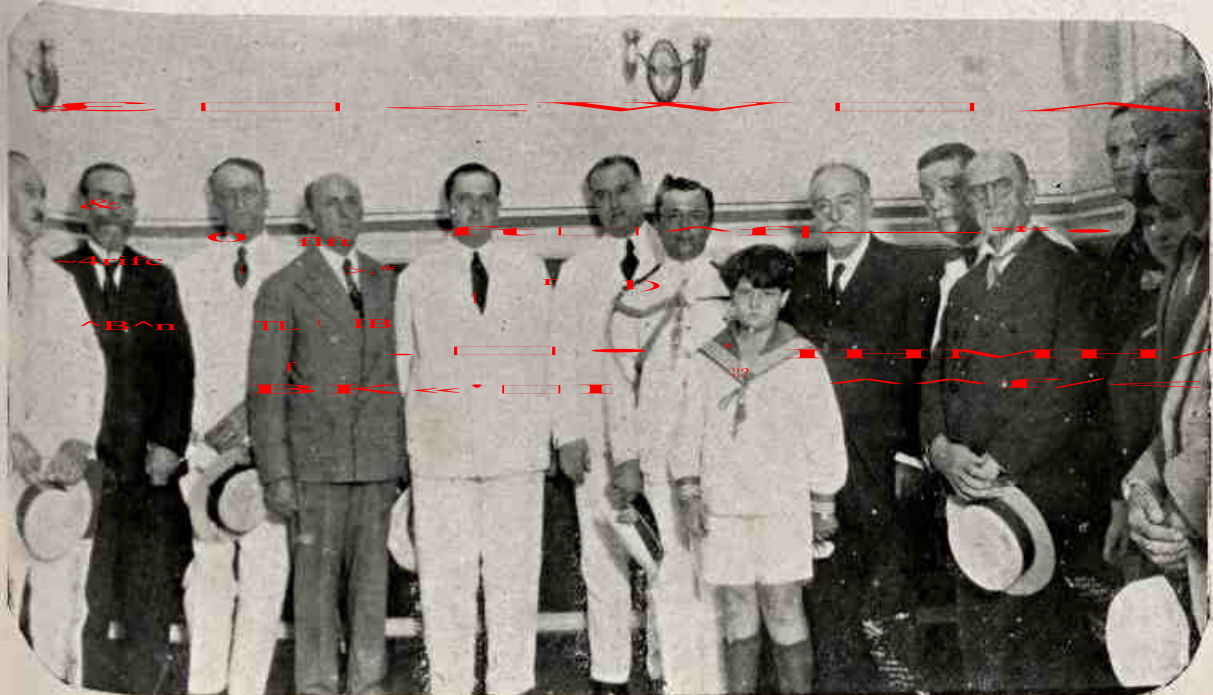
MAX LINDER

Em todos os centros de reunião da nossa sociedade o carnaval foi, este anno, linda e deliciosamente festejado. A Rio de Janeiro Athletic Association abriu tambem seus salões para as commemorações de Momo, realizando na sua pittoresca séde, no Leme, uma festa magnifica, na segunda-feira do triduo consagrado ao deus folião, que tantas saudades deixou no coração carioca. Foi uma festa de rara distincção, original e bizarra, como se poderá ver dos lindos aspectos photographicos que esta pagina focaliza.

A Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro celebrou, a 7 do corrente, com vários actos commemorativos, o meio século da sua fundação. A' notável instituição não faltaram os gestos de solidariedade e sympathia com que outras associações de classe e o publico carioca em geral participaram do seu júbilo, com ella se congratulando pela decorrencia da data condigna e brilhantemente festejada. Entre os actos commemorativos do seu cincoentenario, merece especial relevo a reunião, nesta capital, e sob seu patrocinio, do 1.º Congresso das Associações de Empregados no Commercio do Brasil, certamen que objectivou os mais elevados e amplos interesses da grande classe. Esta pagina fixa, no medalhão, a mesa que presidiu aos trabalhos do Congresso, e dois aspectos da imponente sessão solenne realizada na séde da Associação, á Avenida Rio Branco.

Entre as festas com que a Associação dos Empregados no Commercio commemorou o meio centenario de sua fundação, teve relevo especial o banquete realizado na noite de quinta-feira penultima, no grande salão da séde daquella sociedade, á Avenida Rio Branco, e offerecido ás delegações estaduaes que tomaram parte no Primeiro Congresso Brasileiro das Associações de Empregados no Commercio e á imprensa carioca. Houve varios oradores nesse concorrido agape, que foi presidido pelo sr. Arthur Osorio da Cunha Cabrera, presidente da Associação. O nosso illustre confrade dr. Benito Neves usou da palavra para agradecer, em nome dos jornalistas presentes, a homenagem da Associação dos Empregados no Commercio.

LAMPEJOS

Na noite quente, de horas vagarosas, eu sigo, com os olhos da saudade, a sua silhueta rutilante. E relembro, desolado, aquelle romance vertiginoso, que ficou inédito... até para nós dois... Você desappareceu, de repente. Eu fiquei sozinho. Sozinho e triste, porque você, meu estranho amor, nunca mais quiz a minha companhia romantica de emotivo...

Na noite quente, de horas vagarosas, eu sonho, acordado, com você... E vejo-a, e sigo-a com os olhos da saudade. Porque, infelizmente, a minha saudade não é cega...

Pessoas presentes á ceremonia da inauguração do Lyceu Commercial, realizada na tarde de sabbado, e que fez parte das commemorações do cincoentenario da Associação dos Empregados no Commercio.

Ainda em commemoração ao quinquagesimo anniversario da fundação da Associação dos Empregados no Commercio, realizou-se sabbado, no edificio da «A Noite», á praça Mauá, um deslumbrante baile, que alcançou grande brilho mundano.

LENTEJOULAS

O teu retrato, amor, indistincto, com um vago sorriso de melancolica serenidade a destacar-se do undo do grupo de amigos— o teu retrato, embora indeciso e ingrato, é a minha adoração de todos os dias, o meu doce lenitivo, a minha silente consolação.

Eu botei junto delle o teu meigo cartãosinho, para que, fitando um e lendo outro, eu tenha a illusão de que te vejo, de que te oiço, de que te adoro em verdade, meu idolo vivo!

UM CAVALHEIRO

Ainda ha homens nesta terra, graças a Deus!

Viajando para uma das nossas lindas cidades serranas, vi-me em apuros para sahir de um altissimo wagon.

Minha mamã saltou, mas não consentiu que eu a imitasse, devido a achar-me ainda doente de um pé. Meu pae, ás voltas com as malas, afastara-se. Quem me poderia valer? Olhei em torno, attonita.

Um grupo de "almofadinhas" mantinha-se na "altura"...

Alguns delles sorriam idiotamente. Desviei os olhos do grupo fragil para alguem que os "bonecos" olhavam espantados. Era um homem moço e robusto, de gestos sobrios e decisivos que, solicito, corria em meu auxilio. Num segundo, me auxiliou a descer. Agradeci, pondo no olhar toda a minha admiração. Afastou-se com um vago gesto, discretamente, como viéra.

E eu dei graças a Deus porque na minha terra ainda ha homens. Os "almofadinhas" cumpriram fielmente o seu dever... de fantoches.

BARONEZA DE BRANCOIOS.

Figuras femininas que deram realce ao baile da Associação dos Empregados no Commercio.

Grupos de Colombinas e Pierrots... «mirins», que deram uma nota de alegria ruidosa nas «matinées» infantis realizadas durante o carnaval, no Gremio Republicano Portuguez e nos nossos theatros, em homenagem a Momo...

DEFEITOS

— O senhor não tem defeitos?

— Sim, senhora. Mas guardo-os para a intimidade.

(Do "Diario Intimo", de Jules Renard).

O Villa Isabel F. C. festejou o carnaval, na segunda-feira gorda, com um baile á fantasia, que movimentou brilhantemente os salões do palacete da Avenida 28 de Setembro.

Tambem o Gremio Onze de Junho, que tem a sua séde á rua 24 de Maio, onde se reúne sempre a melhor sociedade do bairro, homenageou o rei da folia, realizando um elegante baile em sua honra.

Sermão de praxe...

Carões, não sejam ranzinzas
com as nossas ingenuas Evas.
Não lhes falem muito em cinzas,
quartas de cinzas e trevas...

Pois, tres quartas partes dellas,
agora, as farras extinctas,
em que andaram tagarelas
como em suas sete quintas.

Rasgam as cartas nas cestas
e, apaixonadas ou não,
andam com cara de sextas...
— sextas-feiras da Paixão...

Mas, arre! Não dêem guarida
a Magdalena, eu lhes peço.
Magdalena (arre!) pendida,
cahida ao peso do excesso...

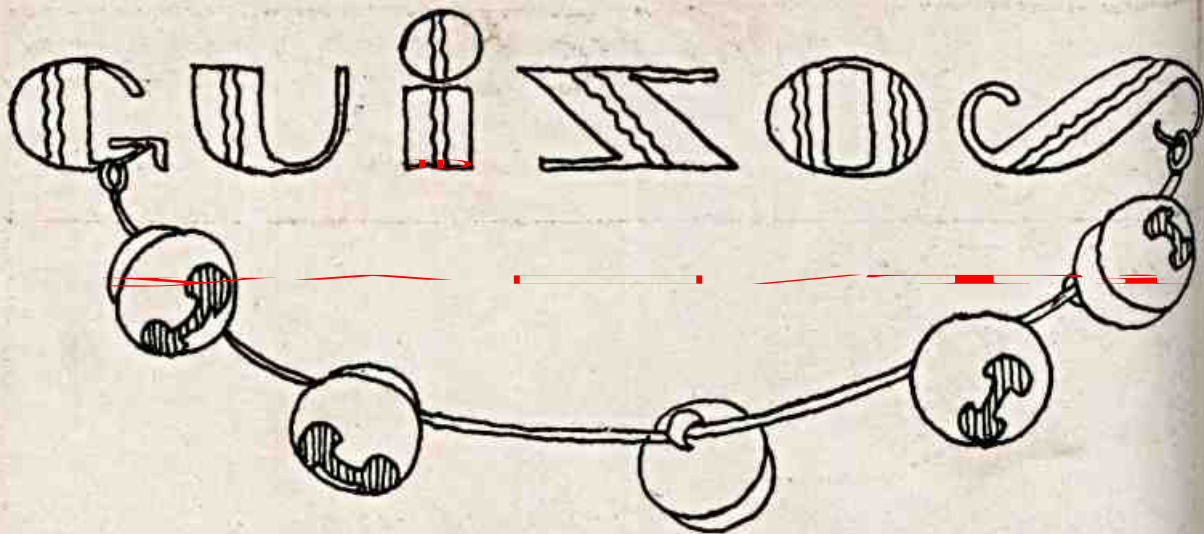
Não dêem ouvido a essa gente
que, arrependendo-se, está
pensando naturalmente
no carnaval que virá.

Ouçam. Mulher nunca cede.
Tem a certeza, possue-a,
que a sexta-feira precede
o sabbado da Alleluia...

E, ao entrar na Quadragesima,
quando vae pedir piedade,
não tem uma millionesima
pinga de sinceridade.

Si fecha a porta, a janella
fica aberta... Isso é um horror!
Dá nella... Dá nella,
Padre-mestre confessor!

Velho idyllio...

Si fosse agora,
nos olhos não seria. Nem na bocca
(aquella bocca que eu sugava diariamente,
aquella bocca quasi enxuta e sempre humida,
cujo primeiro beijo
de extase e de volupia
foi meu, só meu — tenho a certeza — meu!).
Si fosse agora,
não seria nos olhos, nem nos labios;
nem no collo, nas faces, nem na fronte.
Quizéra, apenas,
á hora da despedida, que está proxima,
beijar-lhe a ponta dos dedos
e dizer-lhe baixinho,
quasi sem dizer nada, entre nós dois.
— As outras todas foram tão peores,
tão sem metade de tua alma,
tão sem compensação para as rudezas
que vocês todas têm,
que eu perdôo a você, eu te perdôo,
eu perdôo em você
a menos má e a mais intelligente,
a mais formosa e a menos insolente...
E, finalmente,
eu perdôo a você,
porque, porque... Ora! sei lá porque!

NA PAVUNA...

O carnaval e as eleições divertiram o povo neste principio de mez, apesar da ameaça de que ia haver o diabo...

A policia, porem, garantiu as urnas e a ordem das ruas, e o carioca deu expansão ao seu genio galhofeiro, atirando-se ao braços da Folia pa"a esquecer as eleições...

Bom e philosopho, o povo esqueceu as magoas da vida, festejando Momo, o deus da sua sympathia.

E era de vêr a tristeza dos candidatos derrotados nas urnas, deante da massa humana, que enchia as ruas, gritando, cantando, na Pavuna, bum-bum-bum...

"AD IMMORTALITATEM"

GUILHERME DE ALMEIDA ganhou a immortalidade official, numa eleição facil.

O formoso poeta de A dança das horas succede, na Academia de Letras, a Amadeu Amaral, outro grande poeta paulista, occupando a cadeira de Bilac, o inesquecivel.

Quando eu soube que Guilherme de Almeida havia conquistado a Academia, assaltou-me um grande espanto.

Não porque o poeta da minha terra, do meu São Paulo, alli tivesse penetrado, mas pelo facto surprehendente de ter a Academia acolhido um dos mais legitimos valores literarios da geração nova.

Luiz Carlos, Adelmar, Roquette Pinto, Ramiz Galvão, Olegario, Taunay, os ultimos eleitos, parecem indicar que passou a hora dos expoentes...

Ora, viva!

Que surprehendente resurreição para os homens de letras!

POLITICA

AS ultimas campanhas eleitoraes, deploraveis nos seus aspectos, si não fôra a força preponderante dos elementos conservadores, teriam collocado o paiz fóra da civilização.

O que temos assistido não são lutas de partidos, como acontece nos Estados Unidos e na Inglaterra, onde os victoriosos têm de executar programmas, definindo principios.

Entre nós, os candidatos de correntes politicas apresentam as classicas platafórmas, resumindo promessas que serão ou não realizadas, promessas subordinadas aos acontecimentos politicos de cada quatriennio.

Aqui se combatem pessoas, tenham ou não qualidades, e a luta offerece asperezas que envergonham.

Os profiteurs avançam vorazes, delapidando a fortuna publica, armando intrigas, envenenando o ambiente, e ao cabo da campanha, sorriem da ingenuidade do povo, installados em optimos palacios com depositos nos bancos...

Que lucra o paiz com essas campanhas que se revesam de quatro em quatro annos?!

Nós precisamos de partidos para combatermos ideas e não homens; nós carecemos educar o povo para o exercicio do voto livre, consciente.

Os tartufos da politica precisam desapparecer entre nós.

COISAS DO OUTRO MUNDO...

UM menino de dois mezes que fala e uma senhora que dá a luz a seis creanças do sexo masculino, tudo isto aconteceu no Pará, segundo dizem os telegrammas para os jornaes.

E temos de acreditar, porque os detalhes dos casos são precisos, contam as gazetas tim-tim por tim-tim de tudo quanto vae acontecendo por lá...

O menino fala como gente grande, os seis pequenos têm uma fome voraz tanto que as mulheres da vizinhança se offerecem para ajudal-as na alimentação.

Coisas espantosas, coisas que nunca se viram!

Vamos acreditar nos telegrammas?!...

MARION.

A arvore do Bem e do Mal

Claudio França

Ritual do amor

I

Ella me amostrara fartamente o divino poema de seu corpo avelludado como um pecego oriental e quente como uma noite de verão.

De joelhos, admirei tanta belleza. E, lentamente, após tel-o beijado todo, murmurei as palavras de velho poeta do deserto do Sinai, rescendentes aos fortes perfumes do harem:

"Poli teu corpo com tantas caricias que elle agora parece a lisa pedra sagrada de El Djuf, gasta pelos osculos dos fieis!"

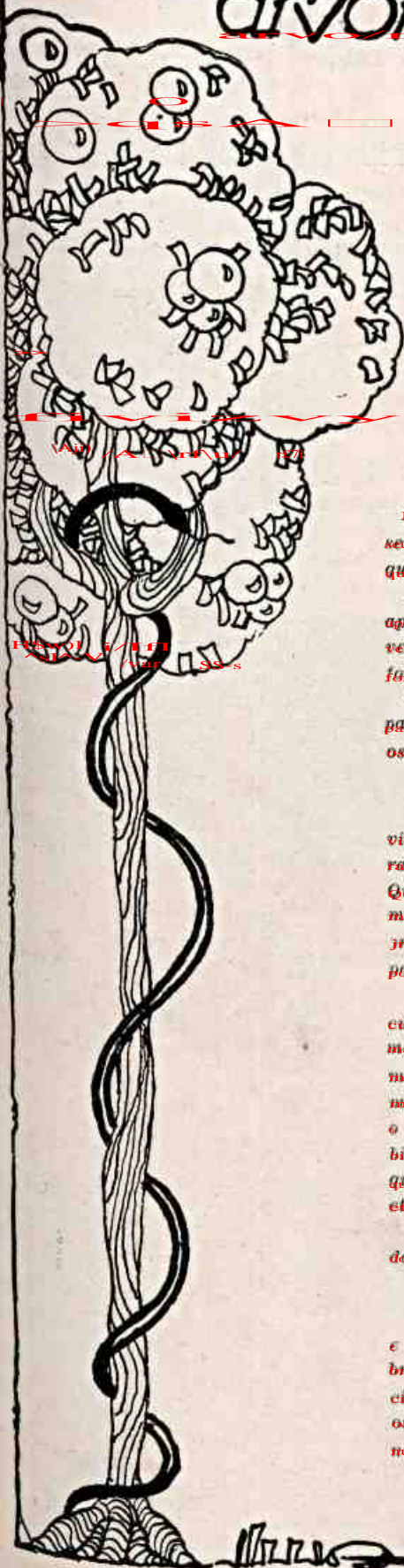
II

Quando olho o seu lindo perfil e a sua bôca maravilhosa, penso na face dominadora de esquecidas rainhas gravadas no oiro das medalhas antigas. Quando sinto o seu olhar violetado pela volupia, desmaiando de goso, o perfume dos velhos livros do oriente embriaga-me, e balbucio esta estrofe dum poema arabe:

"Mais do que o arco-iris radioso e cambiante, a curva dum seio lindo proclama o poder do Creador; mais do que as chammas do sol, o brilho do olhar da mulher amada nos impõe immenso respeito pelas maravilhas que Elle nos deu. O verdadeiro crente é o sabio que estremece curvando-se para beijar os labios daquella que ama. O verdadeiro crente é o sabio que pede ao amor o vinho que lhe dá uma embriaguez eterna."

Dá-me, querida, o capitoso vinho dos teus olhos e dos teus labios!

III

Tudo em ti foi feito para o amor: a côr dos olhos e a frescura dos labios, a redondez das formas e o brilho dos cabellos, o perfume da carne e a vivacidade do espirito. Tudo em ti provoca, offerece, ostenta o amor. E em ti o amor se colhe como flôres num maravilhoso jardim...

SORRINDO...

— Por que disseste a Maria que eu era um idiota?...

— Desculpa-me, que eu não sabia que era segredo...

*

Aula de musica.

— Vamos ver: como se chama esta clave?

— Clave de sol.

— E esta?

— Esta... não me lembro... Mas deve ser clave de lua...

*

Elle. — Estás procurando esquecer-me.

Ella. — Não. Estou procurando recordar-te.

*

Julgamento.

O juiz. — E' inconcebivel!... Matar uma pobre velha por dois mil réis...

O réo. — E' que dois mil réis daqui, dois mil réis dali... vão sommando, senhor juiz...

*

Elle. — Vamo-nos casar?...

Ella. — Bôa idéa! Mas... com quem?...

*

— Agora, que recebeste uma herança, bem poderias pagar-me o que me deves.

— Não. Receio que falem que mudei de habitos depois da herança...

*

O medico é chamado para examinar um grande actor, que se acha enfermo. E, depois do devido exame, diz:

— Bem. Vou receitar-lhe uns papelinhos..

— Como!? Papelinhos a mim?! — exclama o grande actor.

A VANTAGEM

Pierrot. — Eu gosto mais da tua phantasia do que da minha.
Colombina (lisongeada). — Por que?...
Pierrot. — Porque a gente póde tomar sorvete com mais rapidez...

Na praia.

— Senhora, venho pedir-lhe a mão de sua filha.

— Qual dellas? Porque tenho duas.

— Ora... da que resta. A outra acaba de afogar-se.

*

No studio de um celebre pintor.

A cliente. — Mas, essa sou eu? Impossivel! Eu me pintaria melhor.

O artista. — De certo, madame. V. ex. se pinta diariamente, e eu a pinto agora pela primeira vez.

*

— Papae, por que queres que eu cante toda vez que tia Amelia nos vem visitar?

— Porque é essa a unica maneira de fazêl-a demorar pouco.

*

A viuva. — Faz dois annos que morreu meu marido, e todas as noite elle me apparece em sonhos.

O medico da familia. — Então a senhora poderia fazer-me o favor de lembrar-lhe, esta noite, que elle me ficou devendo vinte visitas.

*

— E que disse Luiza quando te viu dançando com seu marido?

— Ficou muito surprehendida. Porque não sabia que elle dançava...

*

— Mostra-me o trevo de quatro folhas que encontraste hontem.

— Não posso. Meu marido perdeu a carteira em que o guardámos.

*

Em um quartel.

O sargento. — Ha algum de vocês que entenda de musica?

Um dos soldados. — Eu, meu sargento.

O sargento. — Bravos. Então está encarregado de transportar o piano na mudança do coronel.

*

A mãe. — Filhinho, eu só me esforço para fazer de ti um perfeito cavalheiro.

O menino. — Mas, eu não quero ser cavalheiro, mamãe. Eu quero, apenas, ser um homem como papae...

*

— Qual é a corrente de agua que desenvolve maior força?

— As lagrimas de uma mulher.

*

— Tu bem sabes, Roberto, que eu falo como penso.

— Sim, e provavelmente um pouco mais...

*

— Por que dizer que isto é um mappa-mundi, quando se trata, apenas, do retrato de tua noiva?

— Com effeito. Mas, não esqueças que minha noiva é tudo para mim no mundo...

TREPAÇÕES

Uma gracinha carnavalesca...

MADAME teve um carnaval divertido, movimentado, apparecendo no côrso, nos clubs, nos hoteis, sempre acompanhada de um cortejo de admiradores.

Era um pagóde apreciar como os foliões do sequito de *madame* se esforçavam para tornar saliente os seus serviços, abrindo a bolsa para adquirir caixas de lança-perfume e serpentinas, — caixas renovadas seguidamente, tal o enthusiasmo das batalhas, denotando que os do grupo haviam feito munição de notas do Thesouro para serem queimadas em louvor á Folia, ou melhor, em homenagem a *Madame*.

Mas, não sabemos porque, entre os que porfiavam a honra da graça de *madame*, a sua preferencia ia toda para o rapaz estrangeiro, preferencia visivel, e que fez nascer um mundo de esperança no cerebro do mancebo.

Um sorriso para todos... porém, para o estrangeiro *madame* reservava carinhos especiaes...

E mais tarde, quando o rapaz loiro fizer a propaganda das *qualidades* da mulher brasileira, lá fóra, nós diremos com indignação: "Que audacia, de estrangeiro!"

* * *

SABBADO de carnaval, no turbilhão do grande baile de hotel, fomos descobrir *madame*, banhada em lagrimas, a um canto do terraço, contida pelos braços de uma amiga, que a consolava com palavras meigas.

Entretanto, *madame* ameaçava céos e terra, queria provocar um escandalo, pois era uma indignidade o que estava fazendo o marido á vista de todos, dançando de maneira inconveniente, sem cessar, com certa dama mui conhecida pela sua leviandade.

E, si não fôra o recúo do marido, *madame* teria levado a effeito as suas ameaças, fornecendo a nota *chic* da noite, para o maior gozo dos carnavalescos.

Madame retirou-se apressadamente, censurando asperamente o marido, que ouvia tudo calado, mordendo os labios, de raiva...

O que se passou em casa nós não sabemos, mas o certo é que o casal desappareceu da circulação nos dias restantes, consagrados a Momo.

* * *

LINHA cruzada Rio-Petropolis... Uma reportagem de primeirissima ordem, dessas fornecidas por um acaso feliz.

Elle allegava que não podia subir e ella insistia para que não ficasse no Rio, pois a desculpa era tola, que só alguma patuscada carnavalesca poderia seduzil-o do lado de cá...

Mas o marido patusco argumentava até com certa logica, o descarado, e *madame* retrucava ameaçando descer immediatamente, no primeiro trem.

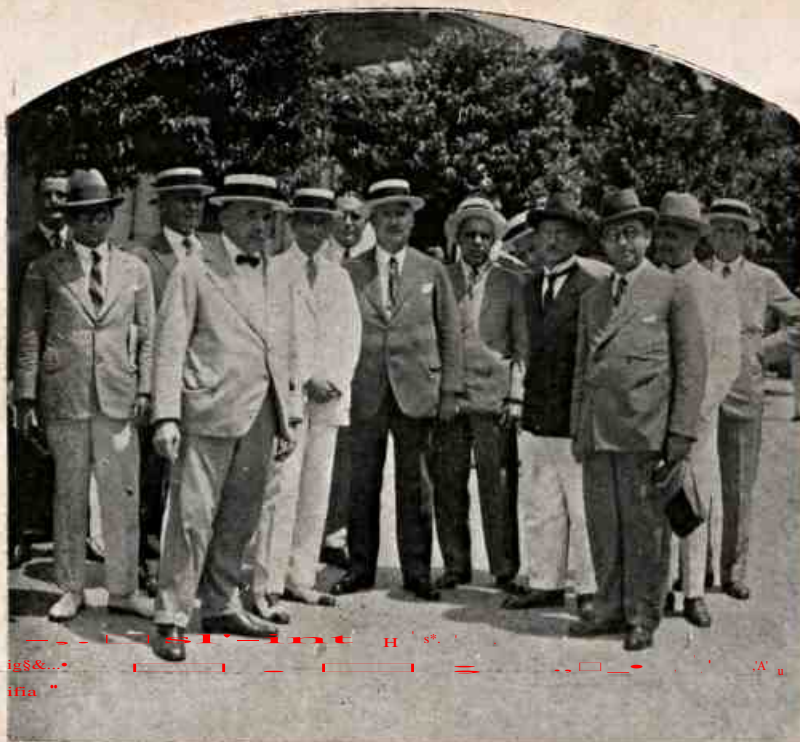
Quando a palestra estava no pedacinho mais interessante, *madame* arrumou com o phone cortando a ligação.

Nós ficámos ralados de curiosidade, tentando advinhar os autores da pequenina comédia da linha cruzada. Entretanto, outro acaso feliz nos forneceu o conhecimento desejado.

Numa roda alegre *madame* divertia-se ou fingia divertir-se e, de quando em quando, perguntava a um e outro amigo do marido, si sabiam do rumo que elle havia tomado naquella noite.

E, quando alguem parou admirado deante da linda silhueta de *madame*, informando que o seu marido havia abalado para Petropolis, ella quasi desmaiou...

O resto nós havemos de saber mais tarde, talvez por intermedio de outra linha cruzada...

Uma carnavalesca que é uma gracinha.

O industrial sr. Carl H. Runge, chefe da casa Herm Stoltz & C., que acaba de regressar da Europa, onde esteve varios mezes, em companhia do sr. Guilherme Grundland, representante dos afamados perfumes da fabrica «4711», ao desembarcar nesta capital, segunda-feira ultima, de bordo do «Cap Arcona». Apparecem tambem ahi os principaes auxiliares daquella conceituada firma carioca.

UM POEMA DE ADA NEGRI

Por que, quando, com voz doce e encantadora, me contas a vida errante, teu olhar amoroso e azul parece sugar todo meu coração palpitante?

Não, não me chames aos sonhos mortos e aos beijos... Não posso; cala-te!...

Quando, recolhida e pensativa, ouço tua voz, que vibra como harpa, por que uma chamma te incendeia a face, por que um calafrio me percorre as fibras?

Não, não me chames aos sonhos mortos e aos beijos... Não posso, cala-te!...

Outro destino me domina. Jamais, á hora voluptuosa em que tudo se esquece, á hora rapida que floresce no delirio, jamais labios de amante me dirão: "Pertences-me!" Na minha bocca juvenil e pura um beijo faz tristeza.

Pensaste, alguma vez, no que seria meu amor?...

Seria luz radiante de alegria e de gloria, riso de juventude triumphante, hymno de esperança, canto de victoria; uma festa da alma e do pensamento, agitação magica do espirito e dos sentidos.

Portanto — vês — eu te despeço e penetro, rigida e casta, na noite profunda. Não me perguntes o porquê desse mysterio estranho e tyrannico que me acompanha; não me tornes a chamar aos sonhos e aos beijos...

Não posso, cala-te!...

HORACIO MENDES

Neste bloco, que fez successo pelo carnaval, «ainda falta um», que ficou «na Pavuna»... «dando nella»...

Policiaes de Saias

de ASTAROTH

NÃO se poderá negar que depois da grande guerra o feminismo tem evoluido rapidamente.

Deante do tremendo conflicto que ensanguentou o mundo, a mulher não poderia deixar-se ficar inactiva, indolente e timida como antes da guerra; as energias do sexo fragil foram tambem mobilizadas e as mulheres, cortando os cabellos e as barras das saias, correram ás fabricas de armas e munições, aos estaleiros de construcções navaes, ás locomotivas das estradas de ferro, enfim, a todos os pontos onde havia falta de braços.

Quando os exercitos voltaram da carnificina, tinham deixado ficar nos campos, talados pela metralha, milhares de homens, e outros milhares enchiam os hospitaes, que transbordaram depois para o mundo esses restos da "chair á canon" que são os mutilados de guerra.

O braço feminino mostrara o seu valor, substituindo o biceps masculino.

Verificado o valor da cooperação da mulher nos trabalhos onde ella nunca se exercitara, não havia mais razões para affastal-a e ellas continuaram.

Ficou tambem verificado que, por indole, a mulher é sempre mais obediente aos seus chefes, mais dedicada ao serviço, menos distrahida, mais assidua e... contenta-se com menores vencimentos e salarios.

O feminismo venceu então uma longa etapa.

Agora o homem vae vendo aos poucos que a mulher póde ir muito além da dona de casa, eximia no preparo dos "quitutes", sabendo serzir com perfeição as meias do marido. Ella, a mulher, tem mostrado que póde competir com o homem e... muitas vezes deixal-o em situação esquerda.

Na Russia ellas chegaram mesmo a franquear as portas das casernas e a empunhar fuzis e metralhadoras, formadas em batalhões de tropas regulares.

A Russia, porém, foi um tanto precipitada quando quiz remodelar tudo "ex-abrupto" e nós achamos que os batalhões femininos só poderiam servir para excitar nos homens frios e desalentados o ardor guerreiro enfraquecido.

A nobre Inglaterra, onde o feminismo teve sempre um dos seus mais fortes baluartes, foi mais feliz: creou primeiramente um corpo de policiaes-femininos que foi incumbido de prender delinquentes do seu sexo.

Comprehende-se bem que a Inglaterra visava com isso evitar que os seus formidaveis "police-men" de um metro e noventa de altura, fossem distrahidos da vigilancia severa para prender frageis delinquentes. Depois appareceram em Londres as "police-women" motocyclistas, encarregadas de vigiar o transito de automoveis e vehiculos a motor.

Agora nos chega a noticia de que no Mexico, no nosso sympathico Mexico, acaba de ser creado um corpo de mulheres-policiaes.

Na nossa fraca opinião sempre achamos que ha duas funcções femininas que foram usurpadas pelos homens: a de reporter e a de policia secréta.

Um jornal que possuisse um corpo de reporters femininos e uma policia que possuisse um corpo de investigadoras, podiam bater o record dos "furos" jornalisticos e das diligencias policiaes, de todo o mundo.

A unica difficuldade ahi, seria a questão da moda.

A mulher-policial de Londres e do Mexico usa um uniforme, uma roupa que não varia com a móda, e que é igual para todas; uma vez uniformizada, a mulher está libertada da móda e, portanto, apta a ser util.

Como reporter e como agente de policia, ellas teriam que se conservar vestidas como as outras e então... adeus reportagens, adeus investigações!

A nossa policia feminina ha de chegar, porque somos um povo adeantado e civilizado e eu desde já estou a ver as nossas policiaes conduzindo com cuidado e paciencia os presos para o "xilindró"!

Estou a ver muitos homens evitando delinquir para não soffrerem a vergonha de receber uma reprehensão ou uma voz de prisão de uma mulher; estou a ver a repressão do alcoolismo intensificada, o auxilio aos menores melhorado e, sobretudo, os vicios da embriaguez, da vadiagem e da mendicancia attenuados.

Mas... (maldito "mas") o diabo é que aqui no Rio ha muito palminho de cara bonita!

Imaginemos uma policial bonitinha, uniformizada, com os botões dourados scintillando, as luvas mettidas na abertura da "jaquette", a saia curta caindo sobre polainas-perneiras, erecta ou passeiando em passo cadenciado pelas calçadas do Bairro Serrador! Imaginemos essa policial multiplicada muitas vezes e repetida em cada esquina da Avenida!

Em pouco tempo os "xadrezes" das delegacias de policia estariam regorgitando de velhos babões e de "almofadinhas" cheirosos e empoados!

Não porque elles faltassem com o respeito ás mantenedoras da ordem, mas simplesmente porque, para ter o gosto de ser presos por tão gentis policiaes, não hesitariam em furtar amostras das portas ou fingirem de bebedos!

Para ser conduzido ao "xadrez" por uma policial bonita, cheirosa e delicada, qualquer homem poderá tornar-se um delinquente.

Até eu proprio...

Suicidio

A carta do desventurado suicida Carlos Palmeira dizia assim: "Meu caro Gustavo — Vou suicidar-me e é a você, meu companheiro das horas doces da adolescencia e das horas amargas de hontem, que quero revelar a causa da minha desesperada resolução.

Estou perdido, sem salvação possivel. Imagine que, procurando realizar o meu ideal, que é tambem o seu e de todos os moços intelligentes que adoptaram o lemma fundamentalmente pratico, — "o maximo de dinheiro e o minimo de trabalho", — acabei cahindo numa terrivel armadilha.

Casei-me, sim. Mas a minha esposa, ao contrario do que se propalava, não possúe um nickel. E' uma *prompta*. Disseram-me que o pae della havia commettido uma serie de audaciosas *chantages*, conseguindo desse modo reunir milhares de contos. Mais tarde, porem, soube que essa historia fôra posta em circulação pelo velho, que é viuvo e pandego e queria se desfazer da filha para metter-se de corpo e alma na *farra*.

Isso, para um rapaz com os meus attributos, é uma injustiça que clama aos céos. Você ha de reconhecer que eu, sabendo dançar o tango argentino, tocando regularmente o violino, jogando um pouco de *tennis* e de *polo*, habilitado a marcar um *match* de *foot-ball*, merecia casar com uma herdeira rica...

Veja você que triste destino o meu. Arruinei toda a minha vida com um golpe em falso, pois, infelizmente, no Brasil, não ha divorcio e não me poderei casar novamente para corrigir meu erro.

A minha situação é lastimavel. Gastei os meus ultimos tostões com a *fachada* para conquistar a pequena e com a casaca para o casorio e agora vivo sob a infernal perseguição de uma dezena de credores, aos quaes comprei o mobiliario, as louças e uma infinidade de outros objectos...

Quando você casar, meu caro, seja um São Thomé. Não se fie em conversas, para não acabar como eu acabo, dando um tiro nos miolos. Até sempre. Teu — *Carlos Palmeira*".

E foi só. Nada mais...

R. MAGALHÃES JUNIOR

O manda chuva...

UM engenheiro hollandez affirma ter inventado um apparelho destinado a provocar artificialmente a quéda de chuvas.

O homenzinho utiliza um avião que dispersa, em regiões frias, gelo pulverizado, cuja quantidade, reduzida a agua, se torna dez vezes mais volumosa, cahindo sobre o solo.

Esta coisa assombrou a pacata terra das classicas vaquinhas malhadas de branco e preto, fazendo chover telegrammas aos quatro cantos da terra.

Precisamos fixar este nome Averaart, o *manda chuvas*...

outra vinha uma observação inesperada, um paradoxo, uma *boutade*. E voltava ao ar entediado de quem soffria de mau modo as aventuras alheias.

— E você, Mendes? E os seus desastres?

— Poucos e grandes...

— Vá lá. Conte o primeiro...

Silvio Mendes, com os olhos onde nadava em alcool a primeira felicidade, falou:

— Parece que foi o maior.

— Conte lá.

— Foi uma noite. Como as outras. Com lua. Com musica. Com mulheres. Houve um baile no Paulistano. Estive lá até tarde. Quando voltava, cansado, exhausto, encontrei em plena Avenida um ajuntamento de povo. Grillos. Curiosos. No meio, um carro em frangalhos. A espera ansiosa pela Assistencia. Palavras nervosas. Olho. Reconheço o carro dos Silva Brito. Pelas vozes reconheço a Corinha, a Lili.

O primeiro desastre

(*conclusão*)

— Que foi?

— Oh! Silvio! Meu Deus, que desgraça!

Era a Corinha. Fui ver. Estava com o vestido ensanguentado. Numa poça de sangue estava o irmão. Aproximei-me. Podia fazer alguma coisa? Logo em seguida chegava a Assistencia. Primeiros soccorros. Inquerito. Promptifiquei-me a leval-os.

Até então falara apenas de passagem com ella. Não a conhecia de perto. Não me interessava. Mas vendo-a ao lado, no carro, nervosa, tremula, com os olhos vivos brilhando na pallidez do rosto bonito, comecei a notar-lhe a graça inedita que a distinguia. Tinha um corpo bem feito, um espirito subtil. E a emoção lhe emprestava um encanto inesperado, que me impressionou.

Voltei no dia seguinte. Passei a interessar-me pelo enfermo. Todas as tardes businava-lhe com o carro á porta. A coisa tomou vulto. Em pouco tempo o meu auto era conhecido em toda a rua. Fui admittido triumphalmente na casa como um amigo e um bemfeitor. Cercado de gentilezas, impressionado pela Corinha, depois de idyllios, de meias palavras, de silencios, fiquei noivo...

— Mas onde está o desastre homem?

Silvio Mendes fez uma pausa, como compadecido de tão ignaros ouvintes:

— Mas justamente nisso!

E mostrou a alliança que lhe brilhava no dedo...

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

A domadora de serpentes

POUCAS profissões são tão pittorescas e cheias de interesse como a do domador. O interesse augmenta, naturalmente, quando essa profissão é exercida por uma mulher. Mas ainda pode occorrer cousa mais extraordinaria: que a domadora seja realmente um homem, recorrendo a tal subterfugio para produzir mais sensação no publico.

E' esse o caso de um joven norte-americano, Mr. Carl Thompson, que durante alguns annos passou por domadora de serpentes, e agora acaba de publicar suas memorias.

Dellas extrahimos os seguintes curiosos episodios:

"Quando eu tinha dezesete annos, era empregado no Luna Park de Seattle. Um dia, em que meu pae foi visitar-me, levou-me elle a uma barraca, afim de ver uma domadora de serpentes. O dono era um velho amigo de meu pae, e, emquanto eu contemplava os reptis,

elle tomou uma enorme cobra e m'a atirou ao pescoço. Lancei um grito de terror e fiquei paralysado de medo. Mas, tantas vezes me repetiu elle, que nada a cobra me faria, que comecei a acarícial-a. Desde então, perdi o medo ás serpentes e hoje até gosto dellas. Repeti minha visita e me fui enthusiasmando com aquelles reptis.

"Um dia, o dono da barraca me disse que precisava de uma nova domadora, e que eu poderia muito bem passar por tal. E acrescentou que percorreriamos o mundo e ganhariamos muito dinheiro. Acceitei.

"Devo observar que eu tinha condições excepcionaes para desempenhar minha nova occupação. Meu typo e meu rosto tinham algo de feminino, e com certa arte podia muito bem passar por uma rapariga semi-selvagem, que era de que se tratava.

"Enfiei na cabeça uma peruca de negros e emaranhados cabellos. Meu rosto, braços e pescoço, cobertos com uma pintura graxenta achocolatada, me davam um aspecto tropical perfeito. Uma saia verde e uma blusa vermelha completavam minha indumentaria.

"Meu exito, como selvagem domadora de serpentes, foi immenso. Houve dia em que chegámos a vender duas mil e quinhentas entradas.

"O dono da barraca devia ter sido "camelot", deputado ou charlatão de especificos, porque quando começava a falar na porta do seu estabelecimento, o povo accorria em tropel. Vestia com elegancia: quasi sempre jaquetão negro, collete branco, calças cinzentas e botas impeccaveis. Não usava joias de especie alguma.

"Uma das farças que davam sempre grande resultado, e que repetiamos em todos os logares que visitavamos, era simular que eu fugia de minha prisão e, com uma cobra em cada mão, sahir correndo e dando gritos inarticulados pelas ruas da cidade ou villa onde nos encontrassemos.

"O dono, esfalfado, corria atraz de mim, gritando tambem.

"Numa cidade, a policia me prendeu e me levou á delegacia, por alteração da ordem publica. Tres vezes puz em alvoroço a cidade. Deram-me liberdade quando confessei que se tratava apenas de attrahir publico ao espectaculo.

"Em Vancouver, tiveram que amarrar-me, tão louco fiquei, e assim atravessei as principaes ruas da cidade, dando desesperados gritos, emquanto meu amo, com um chicote á mão, fingia que me açoitava. Aquillo deve ter sido muito do agrado publico, porque fizemos alli um grande negocio.

"Em Victoria, uma commissão da Associação Christã foi visitar-me e quiz que eu ficasse naquella sociedade para educar-me na doutrina de Christo. Isso nos deu grande renome. E como meu patrão demorava em dar a resposta, o tempo passava e nós ganhavamos dinheiro, porque o publico enchia diariamente a barraca.

"Quando partimos, e já na estação, pois a commissão da Associação Christã persistia em querer fazer minha conversão, eu expliquei áquelles homens, em inglez correcto, a farça que eu representava. Elles ficaram assombrados.

"Na fronteira dos Estados Unidos com o Canadá, um guarda aduaneiro entrou em nosso vagão, onde eu levava tres caixas cheias de serpentes.

" — Que leva você ahi? — perguntou.

" — Cobras — respondi.

" — Mostre-m'as — replicou, incredulo.

"Abri uma caixa, e uma das maiores serpentes cascavel, que havia dois dias não comia, deslisou, fazendo soar seu chocalho. O guarda deu um grito, e, de um salto, foi parar na "gare". Nunca mais o vimos.

"Uma noite, em que, pela hora avançada, havia muito pouco publico, dois homens foram visitar-nos. Um delles dizia que comia vivas todas as cobras do mundo, que não tinha medo de bichos e que ia cortar a cabeça de todas as serpentes ali existentes. Ao mesmo tempo, suppondo que eu não sabia o inglez, disse... cobras e lagartos de mim. Para experimentar sua coragem, tomei uma serpente cascavel e a atirei em sua direcção. O homem deu um pulo, sacou de revolver e me desferiu um tiro. A bala passou a quatro dedos de minha cabeça, graças ao empurrão que lhe deu seu amigo.

"Nunca em minha vida de domadora, passei susto maior do que naquella noite, em Yakima do Norte.

"A's onze da manhã já estava eu com minhas serpentes e dava inicio á exhibição. De quatro ás seis da tarde, fechavamos a barraca para recomeçarmos o espectaculo até onze da noite.

"Eu tinha, além das despezas de viagem, quinze dollares por dia.

"Ao terminar a *tournée*, meu patrão, que havia feito um dinheirão commigo, me offereceu cento e cincoenta dollares.

"Terminarei minhas anecdotas com a seguinte:

"Dirigiamo-nos a uma cidade de Utah, e o trem teve que parar, não sei por que, mais do que o necessario, em uma estação de cruzamento.

"Descemos ao restaurante, para almoçar. Colloquei debaixo da mesa uma grande maleta cheia de serpentes. Uma dellas conseguiu escapar, e ao vel-a, os commensaes sahiram correndo, pondo abaixo copos, garrafas e cadeiras, e tropeçando com as pessoas que encontravam. O panico foi tremendo. Eu me apoderei da cobra, sem dizer que era minha, causando minha coragem geral assombro."

ESPIRITO ALHEIO

PARA DIZER ALGUMA COUSA...

— Aqui lhe trago seu esposo, minha senhora. Elle acaba de ser atropelado pelo caminhão de uma cervejaria.
— Mas, eu não te recommendei que deixasses de tomar cerveja?

— Sabes para onde vão os meninos gastadores, que não guardam em seu mealheiro o dinheiro que lhes dão?
— Ora, sei! Vão para o cinema.

AMABILIDADE EXCESSIVA

O novo photographo da policia (ao criminoso temivel). — Queira sorrir por um momento, cavalheiro...

NA LIVRARIA

O freguez (aborrecido). — Não encontro palavras com que possa manifestar-lhe a minha indignação, meu senhor!
O vendedor (aproveitando a occasião). — Então o senhor bem poderia comprar-me um diccionario...

— Vi homem seu marido, mas elle não me viu.
— Sim. Elle já me disse...

— Ouvi falar que vocês haviam ganho um automovel em um concurso. E' verdade? E onde está o carro?
— E' verdade, sim. Ganhei o premio. Mas, como havia outros vinte e seis nas mesmas condições, repartiram o automovel, e a mim me tocou uma roda...

VIN DÉSILES

RECONSTITUINTE
DEPURATIVO
REGULADOR
APPERITIVO
DIGESTIVO
TONICO

CONVEM A TODOS OS ENFRAQUECIDOS

SOCIÉTÉ DU VIN DÉSILES
PARIS - LEVALLOIS

Ao se levantar
use o
CREME HINDS

Usando o Creme Hinds pela manhã, ao acordar a Sra. terá uma boa base para fazer o pó adherir e se manter firme e uniforme.

Durante as horas de trabalho no escriptorio ou em casa, use o Creme Hinds para manter os dedos suaves e as mãos macias e brancas.

Á noite, ao se recolher, uma pequena massagem com o Creme Hinds deixará a sua pelle macia e assetinada.

E ao se recolher use o
CREME HINDS

VISTA UMA *Bradley* PARA IR Á PRAIA

O QUE distingue das demais a roupa de banho BRADLEY é a nobreza das suas linhas, a harmonia das suas côres, e a sua elegancia commoda e fidalga que a tornam a suprema expressão do bello. A agua não a affecta nem a faz encolher. Incomparavel variedade de côres e estylos.

Examine-os nos melhores estabelecimentos do ramo ou queira communicar-se com os Agentes:

D. G. COIMBRA
P. O. Box 2125 - 126 Quitanda - Rio de Janeiro - Brasil

BRADLEY KNITTING CO. Milwaukee, Wis. E. U. da A.

Assados sem banha

Somente nos fornos privilegiados dos fogões

JUNKER & RUH

A construcção engenhosa destes fornos evita a perda das vitaminas liquidas (succo) da carne, por evaporação, resultando o assado muito tenro, saborosissimo e com suas substancias nutritivas e aromaticas.

A compra de um fogão a gaz é uma questão de confiança. — Antes de adquiril-o visite nossa exposição e deixe-se explicar sobre as vantagens da construcção privilegiada dos fogões JUNKER & RUH

DEPOSITARIOS E DISTRIBUIDORES PARA O BRASIL
ERNESTO IGEL & CIA.
RUA DO SENADO — 213

A VENDA NAS BÔAS CASAS DE INSTALLAÇÕES SANITARIAS E FERRAGENS

Historia de um menino máo

(MARK TWAIN)

ERA um menino muito máo, que se chamava Jim.

Nos livros das escolas dominicaes os meninos máos se chamam quasi sempre, James. E' caso estranho, embora inexplicavel. Não importa; nosso heróe se chamava Jim.

Não tinha uma mãe enferma, uma pobre mãe piedosa e tysica, que houvesse desejado baixar ao tumulo para fugir das penas deste mundo, si não fôra o grande amor que dedicava a seu filho e o temor de deixal-o abandonado ás perigosas ironias da sociedade. Todos os meninos máos que figuram nos livros das escolas dominicaes, alem de chamar-se James, têm uma mãe enferma que lhes ensina as licções, que lhes canta ao pé do berço com voz doce e queixosa, que os beija na fronte ao lhes dar *bôa noite*, e que se ajoelha, emquanto elles dormem, para elevar suas preces ao Todo Poderoso.

Nada disso occorria a nosso menino. Elle se chamava Jim, como dissemos, e, sobre chamar-se Jim, tinha uma mãe sã, robusta e nada piedosa, a quem não preoccupava seu terno rebento. Era muito commum ouvil-a dizer cobras e lagartos do filho. Dáva-lhe sempre um par de bofetões antes que elle se fosse deitar. Nunca lhe deu um beijo, e gostava de puxar-lhe as orelhas.

Pois, um dia, Jim subtrahiu as chaves da despensa, comeu o conteúdo de um vidro de geleia e substituiu o doce por um pouco de alcatrão, com o fim de que sua mãe não désse falta pelo mesmo. Nesse momento, não falou no rapaz a consciencia, dizendo-lhe com sua voz accusadora: "Desobedeceste a tua mãe! Commetteste um peccado e Deus te castigará! Os meninos que são victimas de sua gulodice vão direitinhos para o inferno!"...

Jim não se arrependeu. Nem, de joelhos, fez formal promessa de ser bom dahi em deante. Tambem não foi pedir, humildemente, perdão a sua mãe — um perdão cheio de lagrimas de ternura e acolhido com sorrisos de agradecimentos.

Não. Tudo isso é muito bonito, e assim acontece, em regra geral, nos livros das escolas dominicaes. Mas no caso de Jim occorreu algo bem differente. O garoto comeu a geleia, celebrou sua travessura, lambeu os labios, dizendo, com o maior cynismo: *como eu gosto disto!* e pensou com delicia na indignação da senhora sua mãe quando descobrisse a façanha. Ainda mais. Chegado o momento de comparecer deante da autoridade materna, Jim negou com a obstinação de um delinquente vulgar. Deram-lhe uma surra, e elle continuou negando e chorando, até que, fartando-se de bater, a má mãe deixou em paz o máo filho. Estava escripto, sem duvida, que tudo havia de acontecer o inverso do que rezavam os livros.

Outro dia, Jim se escanchou na macieira do vizinho senhor Acorn com o proposito de roubar-lhe seus mais formosos fructos. E nem se partiu o ramo da arvore, nem o menino cahiu ao solo, nem quebrou um braço, nem rasgou as calças, nem teve de se haver com o jardineiro, nem guardou o leito durante varios dias para se curar das feridas, nem, por fim, se arrependeu de suas travessuras. Pelo contrario, Jim se apropriou das maçãs mais gordas e desceu da arvore sem difficuldade de especie alguma. E, embora o cão do jardineiro tentasse cortar a retirada do pequeno ladrão, teve que se afastar com a dor de uma pedrada nos lombos. Porque Jim, embora máo, era um menino previdente. Digam-me vocês, agora, com a maior sinceridade, si leram um caso semelhante nesses encantadores livrinhos encadernados primorosamente e em cuja capa apparecem dois ou tres cavalheiros de frac e chapéo alto e outras tantas damas com capote, repartindo premios a uma interminavel serie de meninos de cabellos crespos e faces como tomate. Ouço sua resposta negativa e prosigo.

O tal Jim tirou, certa occasião, a caneta da mesa do mestre-escola, e, para se livrar do castigo, escondeu o objecto roubado no gorro de Jorge Wilson, o filho da nobre viuva Wilson, um menino exemplar, que nunca desobedecia a sua mãe, que nunca manchou seus labios com a mentira, que era applicadissimo e que maravilhava todo o mundo, por seu comportamento.

Quando a caneta cahiu do gorro ao chão, e o pobre Jorge, envergonhado, inclinou a cabeça depois de enrubecer como si houvessem surprehendido em alguma acção má, quando já se levantavam sobre suas costas as disciplinas vingadoras, não appareceu, não, no humbral da porta da sala, a nobre figura do juiz de paz, interrompendo o supplicio no acto de ser executado. Nem o digno magistrado pronunciou as palavras sacramentaes: "Prohibo-vos de tocardes nesse menino. Sei que elle é innocente, e o verdadeiro culpado é outro. E sei-o porque, casualmente, passava pela porta do collegio e vi tudo e tudo ouvi."

Jim não foi desmascarado, e o veneravel juiz se absteve de fazer sua apparição, ficou sem recompensa a virtude e sem castigo o delicto. Deram uma bôa surra no escolar modelo, em presença do menino máo, que, seja dito em honra da verdade, experimentou singular prazer contemplando o tremendo e injusto castigo, pois sempre implicára extraordinariamente com os meninos angelicaes. E assim a moral ficou villipendiada da maneira mais completa possivel. Mundo injusto!

Em certa occasião, Jim teve a idéa de fugir da escola, descer ao rio, desamarrar a lancha de um pescador e dar um passeio fluvial. Não sabia remar. Não se afogou. Outra vez foi surprehendido pela tempestade, emquanto — oh, acção nefanda! se dedicava a pescar trahiras em dia festivo; no emtanto, o raio o respeitou.

Convido vocês a examinarem desde agora até o fim do anno quantos se escreveram com destino ás escolas dominicaes, a fim de ver si encontram alguma cousa pelo estylo. Ali verão, invariavelmente, que os meninos máos que passeiam em lanchas aos domingos ou que pescam em dia festivo, ou vão a pique, soltos ou em grupos, ou são pulverizados pela colera celeste. Como e por que conseguiu ecapar Jim da justiça divina, é e continúa sendo para mim um mysterio impenetravel.

Em realidade, havia na existencia de Jim algo que semelhava

Historia de um menino máo

(Continuação)

a magico encantamento. Tal era, indubitavelmente, a razão de suas quasi milagrosas façanhas. Aquelle menino parecia ter sobre o corpo pelle de Satanaz! Vão mais algumas diabruras para terminar o conto. Saiba-se que um dia enganou o elephante de uma collecção de feras, extendendo-lhe um pacote de fumo em vez de um pão. O pachiderme, longe de enfadar-se, acariciou o menino com a tromba. Uma noite, penetrou no escuro na despensa onde havia duas garrafas iguaes: uma de anisette, outra de vitriolo. Jim apanhou a que melhor lhe pareceu, satisfez sua sêde, tomando um bom trago de anisette, e deixou intacto o vitriolo. Quando já era crescidinho se apoderou da espingarda de seu papae, e, dirigindo-se ao bosque, matou uma duzia de passaros, sem que a arma fizesse explosão em suas mãos inexperientes. Sendo ainda menino, deu tal bofetão na face de seu irmão, que por pouco não se reproduziu o drama de Caim e Abel. O irmão lavou a contusão com agua e vinagre, perdoou a Jim, e tudo ficou como si nada houvesse acontecido. Chegado á adolescencia, fugiu de casa, esteve ausente varios annos, e, ao regressar, nem encontrou o lar em ruinas, nem seus velhos paes chorando a ausencia do filho querido e ingrato. Antes pelo contrario, o tecto materno estava mais firme do que nunca e os progenitores mais firmes do que o tecto.

Conclusão: Jim se casou, teve muitos filhos, commetteu um numero infinito de tropelias, enriqueceu roubando todo mundo e não houve vicio que não praticasse com vergonhosa frequencia. Foi o terror de sua cidade, e, apesar de tudo, hoje desfructa do respeito de seus concidadãos e representa a seu paiz no parlamento.

DUPLA TROCA

De COMTESSE CLO

Á plataforma de uma das nossas mais bonitas estações da pequena estrada de ferro do Sul, "Cavalaire", o trem acabava de parar. Era noite.

Um homem alto e distincto, de tez crestada, sem bigode, de porte bem francez, desceu com uma *valise* na mão.

Atraz delle, com menos pressa, o compartimento se esvasiava de algumas coisas mais.

O passageiro procurou com os olhos o auto que o devia conduzir a "La Croix", chamou o *chauffeur*, deu-lhe a lista de bagagens e fechou-se no carro, fugindo ao frio da noite.

Quando chegou á casa onde devia hospedar-se, só tinha um desejo: deitar-se.

Para isso, Olivier Réval apanhou a maleta, retirando os objectos necessarios á *toilette* da noite.

"E essa! — disse elle, espantado. — E' curioso! Parece que remoçou a minha velha companheira de viagem!"

Desatou as correias.

"Que!... é uma bagagem de mulher!"

Com a mão remexia cautelosamente, descobrindo uma fina roupária branca cheia de fitas, cujo perfume suave transcendia. Roupas de baixo, um elegante estojo, uns amores de chinellas e, finalmente, um pequenino caderno comprido, que elle abriu machinalmente. Em cima, na primeira folha, um endereço: Miss Ivette Keller, villa Marjorie, Cavalaire.

Vexado a principio, agora interessado, o joven não proseguia as investigações.

"Que divertida aventura!", pensou elle. Um tanto embaraçosa, pois eu disse que só fizessem subir as minhas malas amanhã. Emfim, tratemos de nos sahir disso; precisamos nos adaptar a todas as circumstancias."

A contra gosto, o passageiro poz-se na cama, sem poder servir-se — e que pena! — da maleta feminina, de nenhum dos objectos tão chorados.

Mas, antes de fechal-a, elle tirou o caderninho. "Descobrirei aqui, sem duvida, dizia elle, como que se escusando a si proprio da indiscreção, os dados necessarios para encontrar, si possivel, meus bens e restituir á dona os que estão commigo. Será que a minha maleta tem alguma semelhante? Esta é muito parecida. Menos "surrada" talvez... Em pleno dia não me teria enganado. Vou dormir! Quando acordar, verei.

Mas, ao despertar, Olivier só teve que tomar caminho da villa Marjorie. A respeito do resto, estava perfeitamente informado pela leitura das paginas manuscriptas que acabava de percorrer com os olhos, muito interessado, de cotovello fincado no travesseiro.

O bello sol da região Sul inundava-lhe o quarto. Pela janella, que elle havia entreaberto, entrava o embriagador perfume das altas mimosas em plena floração, ornamento e gloria do poetico recanto que se chama "la Croix".

* * *

OLIVIER Réval não era casado, tendo como principio que um homem quando tenta, por acaso, a aventura do casamento, está, fatalmente, "embrulhado".

Quem conhece, porém, antes de experimentar, o fundo do coração feminino? A felicidade de um casamento, devido a essa ignorancia, é uma loteria.

Convicto disso, Olivier punha-se na defensiva, refreiando as suas ternuras, ainda que desejoso de encontrar bom emprego para as mesmas. Porque Olivier era um amoroso. E eis que a Providencia o punha deante do retrato moral de uma alma joven. Nessas impressões lançadas dia a dia, por ella, uma natureza enthusiasta e meiga se revelava; não banal, melancolica e sceptica, receiosa do amor que lhe parecia um pequenino deus todo velado, do qual só nos poderiamos aproximar com muitas precauções.

"Meu coração, escrevia a desconhecida, tem muitos logares a offerecer, mas só um a dar. Este dom, feito para a vida, é terrivel! Como evitar as decepções?"

Que de pensamentos, que de idéas communs aos do leitor; que de desejos, de esperanças semelhantes ás delle revelava o pequeno caderninho! Urgia descobrir essa deliciosa Yvette e fazer-se amado por ella. Olivier estava pressuroso.

* * *

ANINHADA no meio das flores e das verduras, erguia-se, imponente a "Villa Marjorie", onde o senhor Réval se apresentou. Mandou seu cartão com uma palavra explicativa e foi introduzido. Miss Keller appareceu-lhe fina, esguia, de cabellos com tonalidades de oiro. Seus olhos pousaram-se, interrogativos, sobre o estrangeiro. Este, correcto, entregou-lhe a maleta, perguntando pela sua.

— Como, senhor, houve troca! Não sabia. Aqui em casa de minha tia, onde me hospedo todos os invernos, explicou ella, tenho em duplicata os objectos de primeira necessidade. Hontem á noite não tive nada a tirar das malas, o que importa em dizer que, por isso, não me apercebi do engano.

Fazendo sentar o visitante, tocou a campainha para pedir a maleta gemea. Só então, reflectindo no caso, a joven, subitamente tomada de alegria, se poz a rir, com um riso tão jovial e tão franco, que communicou a Olivier.

Yvette imaginava o juizo que fizera o desconhecido deante daquelles pannos cheios de faceirice e riu com a alegria maliciosa, cujo motivo elle adivinhava. Mas, de repente, a joven parou e corou. Elle comprehendeu. Ella temia — com razão — que elle tivesse conhecido o *memorandum* intimo.

— Fique tranquilla, senhorita, disse elle, fingindo attribuir á sua perturbação uma cousa não existente. A' primeira vista descobri o engano. Não mexi em nada. Seria um crime, ajuntou elle, sorrindo, desmanchar a harmonia da perfumosa bagagem. São precisas mãos de fada para ousar mexer em linons e fitas; os meus dedos masculinos respeitaram a elegante tulutagem...

Ella convenceu-se; o caderninho estava no fundo da mala, e elle não o havia visto.

Olivier olhou-a, surpreso de lhe descobrir um porte moderno, o vestuario sportivo, um ar decidido, quasi affectado, um aspecto exterior, emfim, em contraste com as coisas secretas e bellas que ainda lhe cantavam aos ouvidos. Não era, absolutamente não era — ainda que seductora — o envolucro que elle havia imaginado, para o coração timido, para a alma vibrante, da autora das linhas do caderno. E elle pensava: "Pela sua apparencia, eu ter-me-ia enganado. Mas li-a... Oh eterna esphinge que é a mulher! Em toda parte ella desnorteia os nossos estudos.

Por que? Mas eu sei, eu sei agora quanto esta é encantadora! Avançarei em terreno conhecido."

— Tornaremos a nos ver, senhor — sorriu graciosamente Y v e t t e, quando Olivier se despediu — somos vizinhos durante a estação, disse-me o senhor. Em Cavalaire

DUPLA TROCA

(Conclusão)

o tennis reune os invernistas e, si lhe palpita...

Não foram apenas as partidas successivas que os reuniram. Apresentado á senhora Keller, o senhor Réval tornou-se um dos frequentadores assiduos da acolhedora villa. Conhecendo o gôsto e as predilecções da joven rapariga, estava sempre junto della. E assim deram longos passeios juntos, pelas selvagens montanhas, pela floresta de pinheiros, que desce até a praia de la Croix, poetica e deserta. Assim foram enlaçando cada dia mais os proprios corações.

Antes do fim do inverno estavam noivos.

NA areia, á beira das carinhosas vagas que morriam, com o azul que lhes espumava aos pés, Olivier confessou lealmente a sua falta. Nada devia ser segredo entre elles. De antemão, sabia que seria perdoado.

Um sorriso timido e alegre brincava nos labios de Yvette.

— Então, conhecias-me de cór, emquanto eu te desconhecia ainda? E, não contente de te apossares dos meus bens, procuraste até o fundo descobrir minha alma? Mas devias corar, estar confuso, senhor traidor, e, ao contrario, não me tens positivamente, ar disso.

Ella ria-se.

— Confuso? Ai de mim! Confesso que não, cara Yvette, é graças á minha traição que eu te amo. Si não fosse ella, teria passado ao lado da felicidade sem vel-a.

— E a minha não existiria tambem — murmurou ella, com tal convicção, que o noivo, feliz, a apertou com enthusiasmo nos braços.

— "Pequena causa, grande effeito", diz o proverbio.

Graças á vulgar aventura duma bagagem trocada, vae-se realizar uma dessas raras uniões que, sabendo as suas almas apparelhadas, não temem percorrer juntos a travessia da vida. E, como a alma é immortal, elles se amarão ainda no além.

UMA DIGESTÃO SEM DÔR

Se a sua digestão não se faz facilmente, se V. S. tem dôres estomacaes depois das suas refeições, tome Magnesia Bisurada. Os males de estomago devem muitas vezes a sua origem a um excesso de acidez, e, para se ter uma digestão normal e sem dôr, é necessario combater-se este estado de hyperacidez. Um sal alcalino como a Magnesia Bisurada está perfeitamente indicado, pois que não sómente neutralisa elle o excesso de acidez, como protege as membranas mucosas delicadas do estomago contra a acção irritante do succo gastrico hyperacido. A Magnesia Bisurada que se acha em todas as pharmacias é soberano para supprimir as eructações acidas, as azedias, as flatulencias, os pesadumes e as indigestões sob todas as suas formas.

Sempre há esperança

A descoberta dos seculos. O Elixir "Sorêt." Volta os annos para traz e permitte-nos que gozemos mais uma vez os tempos felizes da nossa vigorosa mocidade. Se se sente débil e desanimado, alegre-se! Esta maravilhosa descoberta, dar-lhe-há renovadas forças e restaurará o seu vigor. Use-o tambem para neurasthenia, nervôso, fastio, esgotamento nervôso e debilidade geral; use-o sem temor porque não contêm nenhuma substancia prejudicial. E' uma combinação de ingredientes vegetaes com qualidades medicinaes poderosissimas que restáuram a sua viridade e lhes dará o enfraquecido vigor da sua joventude.

Em todas as pharmacias e drogarias, em frascos hermeticamente sellados.

Approvado pela Directoria de Saúde Publica do Brasil.

Pela sua inconfundivel perfeição, elegancia, durabilidade e bom gosto, FOI O UNICO que obteve a mais alta classificação na Exposição Internacional do Centenario da Independencia do Brasil em 1922: *Hors Concours*. A venda em todas as bôas casas da Capital e dos Estados.

Fabrica — **FERREIRA SOUTO & C.**

Rua Fonseca Telles, 18 a 30 — RIO DE JANEIRO

BANHOS DE MAR

Costumes completos, americanos, para todas as edades e ambos os sexos, camisas, calções, Sapatos, salva-vidas e toucas.

CASA SPORTMAN

A MELHOR CASA DE ARTIGOS PARA SPORTS

RAUL CAMPOS

Remettem-se Catalogos

25, Rua dos Ourives, 27 — Rio de Janeiro

SELECTA

é sem duvida a melhor revista illustrada cinematographica - Rio e Estados, 1$000

LEIAM TODAS AS QUARTAS-FEIRAS

ANTES — DEPOIS

Resultado obtido pelo uso das

PILULES ORIENTALES

Bemfazejas - Reconstituintes

(Appr. D.N.S.P. sob o Nº 87 em 26-6-1917)

Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de

J. RATIÉ, *Pharmaceutico*

46, Rue de l'Echiquier, PARIS

Agente Geral: A. DE COURNAND

87, R. dos Ourives, *Rio de Janeiro.*

A venda em todas as pharmacias.

Garantida!

3 *caracteristicos insuperaveis*

1° — Mais pesada
2° — Não quebra
3° — *Garantida*

VERSOS

Canção da chuva

A chuva cae, a chuva cae, continuamente,
A chuva cae, tamborilando sobre o chão...
E dos meus labios vae cahindo tristemente
Esta infeliz, monotona canção...

A chuva cae, sempre a cantar soturnamente,
(Eu sinto o tedio transformar-se em aflição)
Minh'alma põe-se a soluçar amargamente...
.. .. ..
Viver sem ti! Que desesperação!...

SYLVANO FREITAS.

Portella

A casaria é branca
e passarinhos cantam no arvoredo,
lá, onde a lua surge, ás vezes, tarde,
mas onde chega o sol sempre tão cêdo!
Tudo é tão lindo!...
Parece que estou vendo
as flores os labios entreabrindo
aos beijos do luar,
e as arvores os galhos estendendo
como se aos céos tentassem alcançar.

A's vezes, muitas vezes,
quando vagueia a lua lá no céo
e a natureza está toda quieta,
ouve-se o som de um violão plangente
e a tristeza do canto de um poeta!...
E a gente se entristece,
(que cousa singular!)
com o canto do ingenuo sertanejo,
que tambem é poeta, ama e padece,
e ao coração não impede de fallar.

Emfim, é um paraiso?...
Arvores tantas, tantos passarinhos!
Em cada rama uma porção de flores,
em cada galho uma porção de ninhos!

O ambiente é calmo,
a propria passarada canta sem alarde,
outro ar se respira
e ha um ruido de vozes no arvoredo,
lá, onde a lua chega, ás vezes, tarde,
mas onde surge o sol sempre tão cêdo!

Gov. Portella.

ARIOVISTO FILHO

A um poeta neóphyto

Não, não deves seguir a senda ultriz do Verso;
Bem que seja um consôlo, ás agruras da vida:
Muito maior que Apollo é a treva do Universo!
Muito maior que a lyra é a magoa indefinida!

Não, não sejas cantor... O carrilhão da Fama
Vae despertar a inveja entre os que valem pouco:
Dão-te o aplauso sem fé, o abraço que te infama;
Dão-te a alcunha de Poeta, e um diploma de louco.

BENEDICTO SALGADO.

Soneto

Tão cedo te finaste, doce amiga!
Nobre esposa gentil! Flôr de bondade
Que a bemaventurança agora abriga
No tranquillo jardim da eternidade!

Viveste, em tua fragil mocidade,
De um puro amor na modula cantiga:
Que a ventura do amor-tranquillidade
Não tem fome, nem sede, nem fadiga.

E foste Mãe assim. Terna e amorosa,
Era-te o filho a summa gloria — quando
Presentiste no olhar o ultimo brilho...

Emmurcheceste, peregrina rosa!...
Que o teu perfume doce, no ar pairando,
Amenize a orphandade do teu filho!

BENEDICTO CESAR.

Kola-Cardinette
Kola-Cardinette
Fortificante
de Effeitos Rapidos
UNICOS CONCESSIONARIOS PARA O BRASIL:
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
98 — Rio
S. Bento, 35 — S. Paulo.